RELEVOS

Badu: detalhe de estudo , 2020

Adriana Aparecida Mendonça
Augusto César Moreira Santos
Maria Angélica Soares
(Organizadores)

Cegraf UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitor: Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora: Sandramara Matias Chaves

Pró-Reitora de Graduação – PROGRAD: Jaqueline Araujo Civardi

Pró-Reitor de Pós-Graduação - PRPG: Laerte Guimarães Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação - PRPI: Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitora de Extensão e Cultura – PROEC: Lucilene Maria de Sousa

Pró-Reitor de Administração e Finanças – PROAD: Robson Maia Geraldine

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas - PRÓ-PESSOAS: Everton Wirbitzki da Silveira

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis – PRAE: Maísa Miralva da Silva

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Diretor: Bráulio Vinícius

Vice-diretor: Cláudio Aleixo

NÚCLEO EDITORIAL DA FAV
Coordenadora: Cátia Ana Baldoino da Silva

FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Adriana Aparecida Mendonça
Augusto César Moreira Santos
Maria Angélica Soares
(Organizadores)

Goiânia
2021

Cegraf UFG

PARTICIPANTES:
Ana Maria Silva Cruz
Ana Maranhão Izacc
Arthur Leal Monteiro Machado
Carlos Henrique Pedro Camilo
Frontana - Caroline Pereira Sant´ana de Freitas
Daniel Oliveira de Abreu
Debora Letticya Gomes Dias
Badu - Emmanuel Felipe de Araújo Amaral
Felipe Santos de Souza
Giulianna Vitória Augusta Ramos
Gustavo Gabriela de Oliveira
Kei Jardini da Silva
Letícia Nascente Gomes
Luiz Gustavo de Andrade
Manoel Oliveira de Figueiredo
Marcelle Veríssimo de Souza
Maria Clara Curti Vieira Alves
Nathália Batista Bastos
Nícolas Alves Montefusco
Pedro Lucas Silva Menezes
Sam Colodeto - Sarah Carvalho Colodeto
Thaysa Alarcão Lemos
Wesley G. C. Rodrigues dos Santos

MONITORES:
Augusto César Moreira Santos
Maria Angélica Soares

CAPA:
Emmanuel Felipe de Araújo Amaral

ORGANIZAÇÃO:
Adriana Aparecida Mendonça
Augusto César Moreira Santos
Maria Angélica Soares

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES:
Adriana Aparecida Mendonça

PROJETO DE PESQUISA:
FANZINOTECA VIRTUAL
Coleção Manual-zine: narrativas de processos em gravura

© 2021 Cegraf UFG
© 2021 Adriana Aparecida Mendonça, Augusto César Moreira Santos, Maria Angélica Soares

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

R382 Relevos [E-book] / organizadores, Adriana Aparecida Mendonça, Augusto César Moreira Santos, Maria Angélica Soares. – Goiânia : Cegraf UFG, 2021.
129 p. : il.

Inclui referências.
ISBN (E-book): 978-85-495-0448-7

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Gravuras - História. 3. Relevo (Arte). 4. Ensino à distância. 5. Gravura - Técnica. I. Mendonça, Adriana Aparecida . II. Santos, Augusto César Moreira. III. Soares, Maria Angélica.

CDU: 761:37

Bibliotecária responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

Faculdade de Artes Visuais
Av. Esperança, s/n, Câmpus Samambaia
Goiânia, GO - CEP 74690-900 - Brasil
http://fav.ufg.br

Este trabalho está sob a Licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
(Link: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Sumário:

6 Apresentação
Adriana Mendonça

9 Gravadores e suas obras
Ana Maria Silva Cruz
Ana Maranhão Izacc
Arthur Leal Monteiro Machado
Carlos Henrique Pedro Camilo
Frontana - Caroline Pereira Sant´ana de Freitas
Daniel Oliveira de Abreu
Debora Letticya Gomes Dias
Badu - Emmanuel Felipe de Araújo Amaral
Felipe Santos de Souza
Giulianna Vitória Augusta Ramos
Gustavo Gabriela de Oliveira
Kei Jardini da Silva
Letícia Nascente Gomes
Luiz Gustavo de Andrade
Manoel Oliveira de Figueiredo
Marcelle Veríssimo de Souza
Maria Clara Curti Vieira Alves
Nathália Batista Bastos
Nícolas Alves Montefusco
Pedro Lucas Silva Menezes
Sam Colodeto - Sarah Carvalho Colodeto
Thaysa Alarcão Lemos
Wesley G. Cordeiro Rodrigues dos Santos

120 Monitoria
Augusto César Moreira Santos
Maria Angélica Soares

128 Referências

Giulianna Vitória: 2020

APRESENTAÇÃO

A pandemia (COVID-19) chegou e nos levou à paralisação das aulas presenciais, houve a necessidade de distanciamento social e fizemos as aulas de modo remoto (ERE). Leciono as disciplinas de Gravura na Faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás, e, para mim surgiu o desafio de deslocar o ambiente do ateliê de gravura para o ambiente *on-line*. A pergunta: *Como ensinar gravura em ambiente virtual*? Esta pergunta clamava por resposta(s) imediata(s) diante das mudanças geradas pela pandemia. Durante o preparo dos planos dessas aulas práticas, porém remotas, lembrei-me do pensamento de Deleuze (1995) sobre o que seria uma aula: "*uma espécie de matéria em movimento*", "*emoção*". Essa emoção é o que desperta os estudantes, formando uma espécie de tecido de interesses diante da diversidade de uma sala de aula. Assim, tive como principal motivação para a formatação das aulas remotas o movimento e a emoção a partir de cada estudante, inclusive de mim mesma.

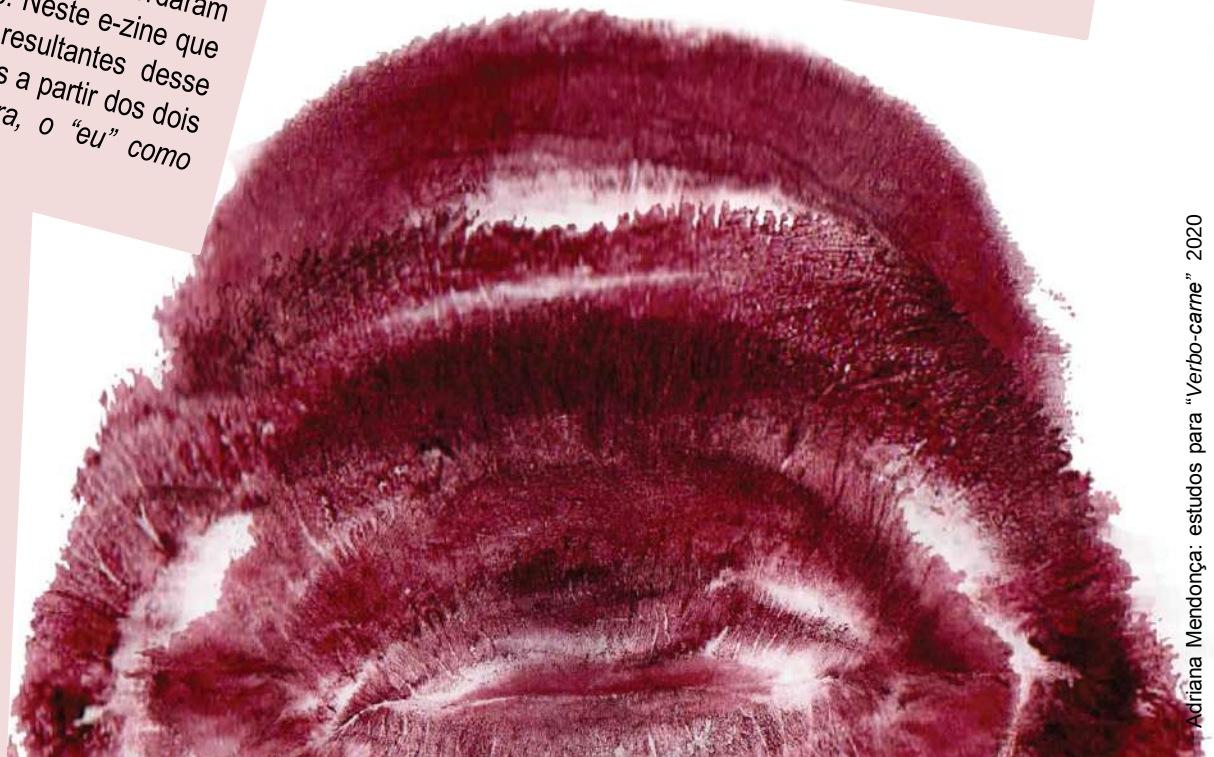
Frontana: detalhe de estudos, 2020

Foi quando testei possibilidades de impressão dos espaços que habito, começando pelo meu próprio corpo, seguindo uma espécie de mapeamento dos relevos da minha casa. Isso me permitiu ver possibilidades de pensar a gravura em meu cotidiano, começando por perceber o meu corpo como uma matriz que imprime e que também produz impressões.

Depois de algumas experimentações, vi as possibilidades do ensino prático da gravura sem o uso da prensa e de objetos/ferramentas do Ateliê de Gravura. O mais importante nesse momento seria a provocação, a "emoção" e o "movimento".

A disciplina foi dividida em quatro módulos (Módulo Marrom, Módulo Azul Anil, Módulo Verde e Módulo Rosa Choque) que abordaram questões históricas e práticas da gravura em relevo. Neste e-zine que lhes apresento estão produções dos estudantes resultantes desse processo, acompanhadas de trechos escritos por eles a partir dos dois primeiros módulos: Módulo Marrom - Corpo gravura, o "eu" como matriz e Módulo azul anil - Impressões da casa.

As aulas foram fundamentadas, principalmente, pela leitura dos *textos GRAVURA: uma introdução. Núcleo de Educação Aberta e a Distância*, de Fernando Gómez ALVAREZ (2011), *O campo ampliado da gravura: Suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea* de Maria do Carmo de Freitas VENEROSO (2012) e no estudo sobre as produções de artistas que desenvolvem trabalhos com gravura em relevo (carimbos, xilogravura, *Collagraph*, etc.), além de artistas que imprimem (ou pensam) sobre o corpo em seus processos: Mary Kelly, Piero Manzoni, Jasper Johns, Yves Klein, Lee Wagstaff, Giuseppe Penone, Vera Chaves Barcellos, Hudnilson Júnior, Ana Mendieta, Brígida Baltar e Regina Silveira.



Adriana Mendonça: estudos para "*Verbo-carne*" 2020

Diante das discussões, em aulas virtuais síncronas, os estudantes desenvolveram diálogos paralelos em um fórum de discussão, onde escreveram suas impressões acerca dos conteúdos da disciplina. As conversas ocorridas no fórum resultaram em manifestações "preciosas" do grupo, que se apresenta nesse e-zine, juntamente com a produção prática de cada integrante da turma do terceiro período do Curso de Artes Visuais-Bacharelado.

Reunir essa produção me trouxe alegria, e creio que trará pra quem "folhear" as páginas virtuais desse **E-zine**, onde jovens estudantes "iluminaram" novos mundos a partir de suas singularidades e percepções com jeito de esperança!

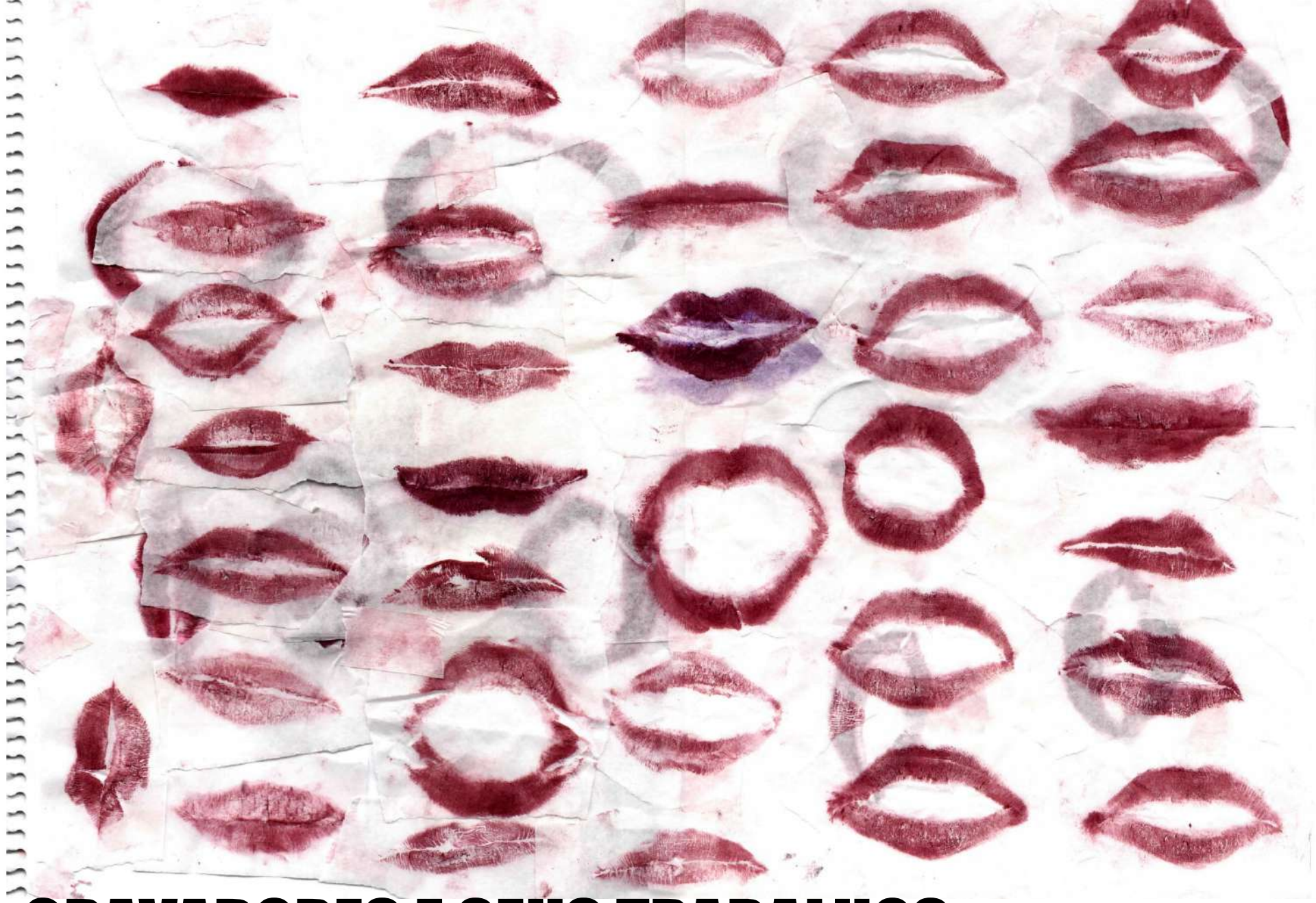
Por:
Adriana Mendonça
Professora e coordenadora do Ateliê de Gravura - FAV/UFG – 2021

FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

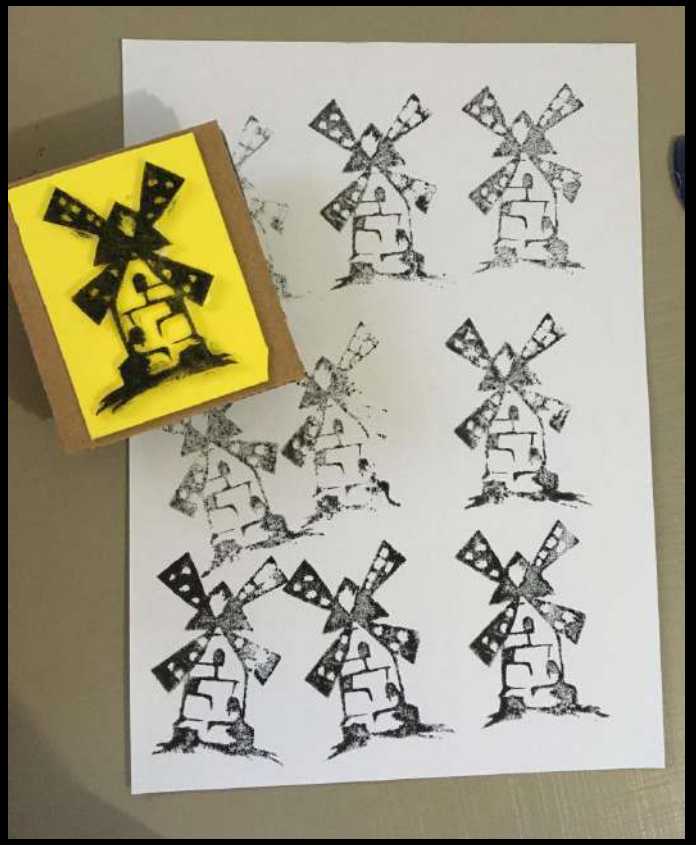
"A gravura é um universo."

Maria Bonomi



GRAVADORES E SEUS TRABALHOS:

Ana Maria Silva Cruz



Ana Maranhão Izacc

“não vejo mais muitos limites para a gravura”

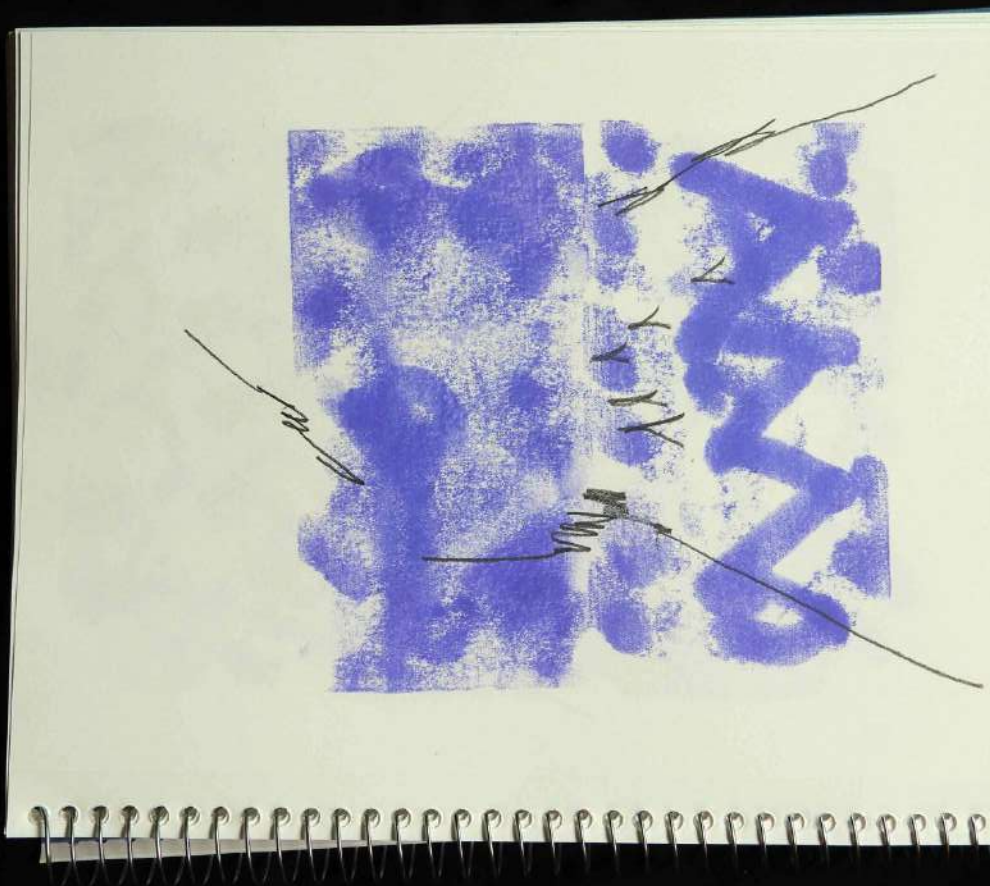
“(...) comecei a pensar em mais possibilidades artísticas como a gravura. Pensando na proposta do corpo como matriz, por exemplo e da gravura como o processo de impressão de uma coisa sobre outra, vi o corpo como algo além apenas da plasticidade, o corpo humano pode se movimentar, agir, e é essa ação que nos define como animais vivos. Assim, penso em soluções para a gravura em campo expandido e utilizando o corpo como matriz além de imprimir apenas manchas de um corpo pintado sobre uma superfície (o que também tem o seu valor), porque já vi as obras de Yves e não quero repeti-las com outras cores. Assim, vejo materiais rasgados, destruídos, construídos também como impressões do corpo sobre uma superfície.”

PALHAÇA

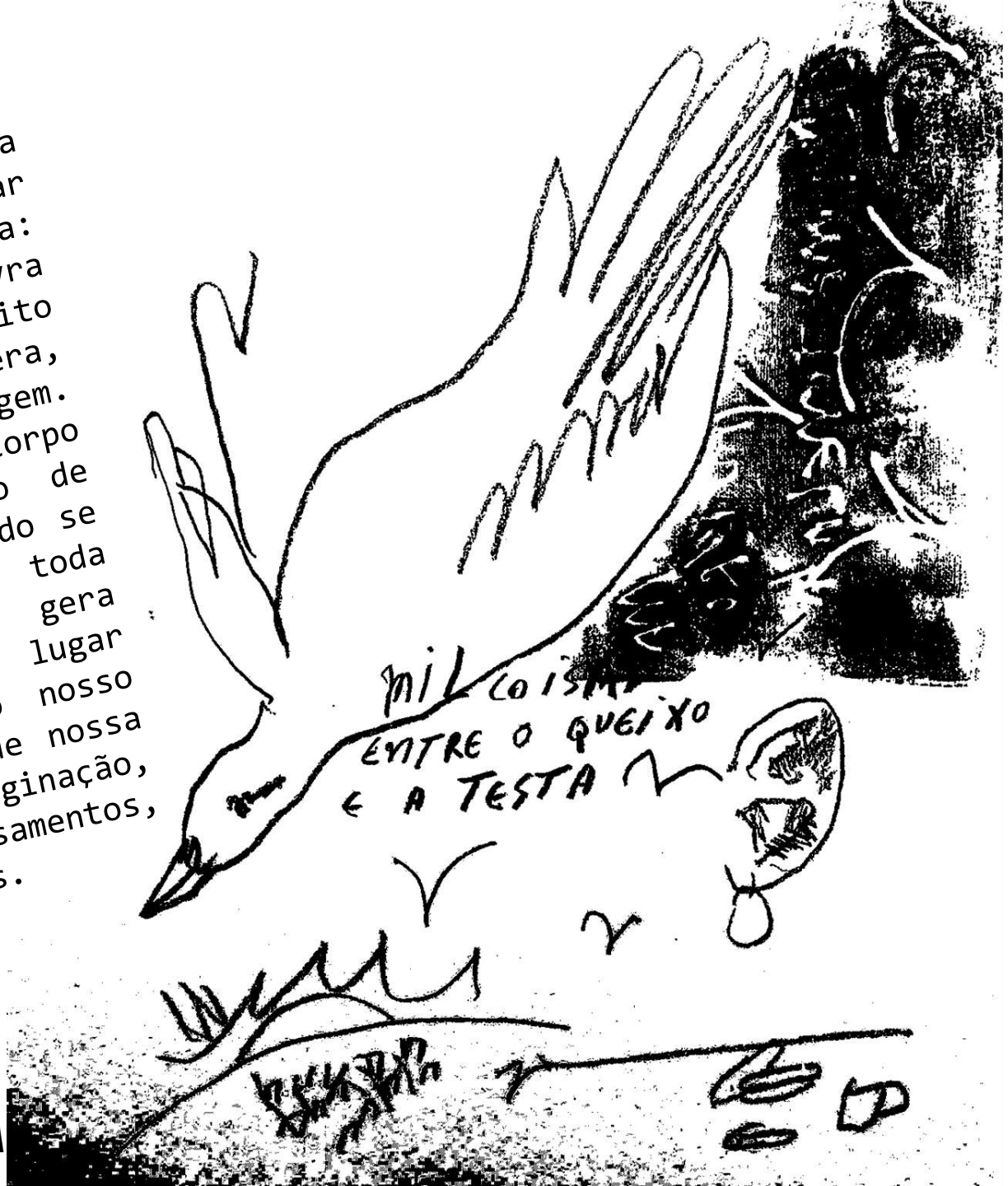
PIO! Zines

Arthur Leal Monteiro Machado

“Penso a gravura em termos bem simples.
(...) interessa-me como esse conceito pode ser expandido e observado em diversos níveis da vida, nas pegadas, nas feridas, nos rastros, na memória, como é algo que se manifesta na natureza.”



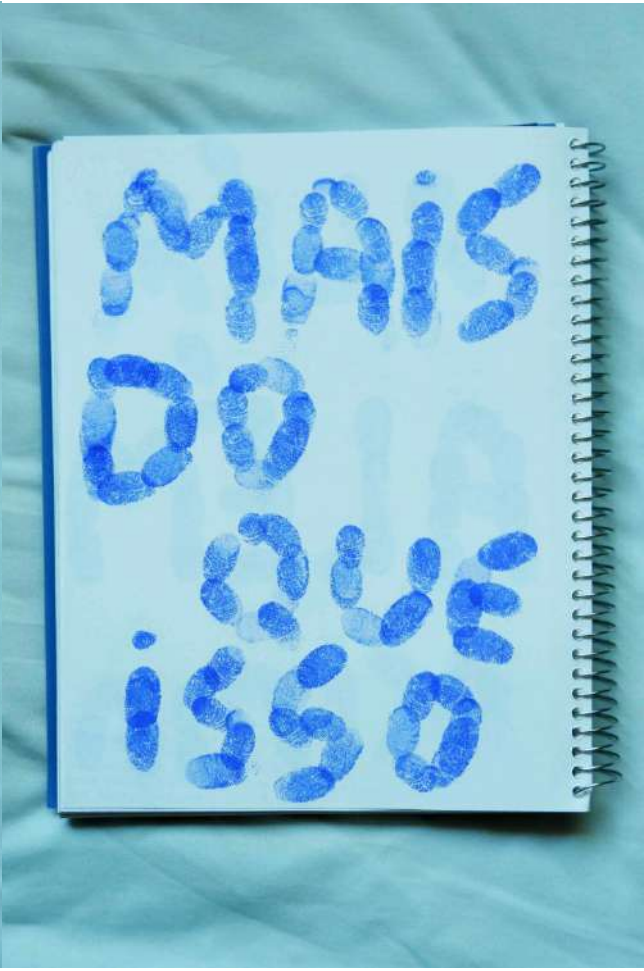
Gosto da prática da gravura em artes trabalhar em torno dessa palavra: **matriz** - acho uma palavra de significados muito potentes, algo que gera, origem. fundamento, pensando um pouco o corpo nesse contexto gosto de pensar em como o mundo se grava em nós, como toda experiência vivida gera uma marca em algum lugar de nós, e como o nosso corpo é a matriz de nossa vida, de nossa imaginação, dos nossos pensamentos, ações, sentimentos.



MIL COISAS ENTRE O QUEIXO E A TESTA

VIDA

ALÉM
ALÉM
ACIMA


MAIS
DO
QUE
ISSO

Carlos Henrique Pedro Camilo

“(...)experimentei o corpo como matriz, algo que eu nunca tinha pensado antes e que gostei muito de fazer. Explorar as partes do corpo, composições e formas diferentes, foi sem dúvida muito inspirador, e talvez tenha até acrescentado algo em minha concepção de gravura.
(...)a gravura também se configura como uma forma de registrar e eternizar algo único, a cada matriz e a cada tiragem, algo novo é formado e registrado na superfície, seja ela qual for.”

PRECES DE JOELHO PARA QUE TUDO ISSO TERMINE LOGO

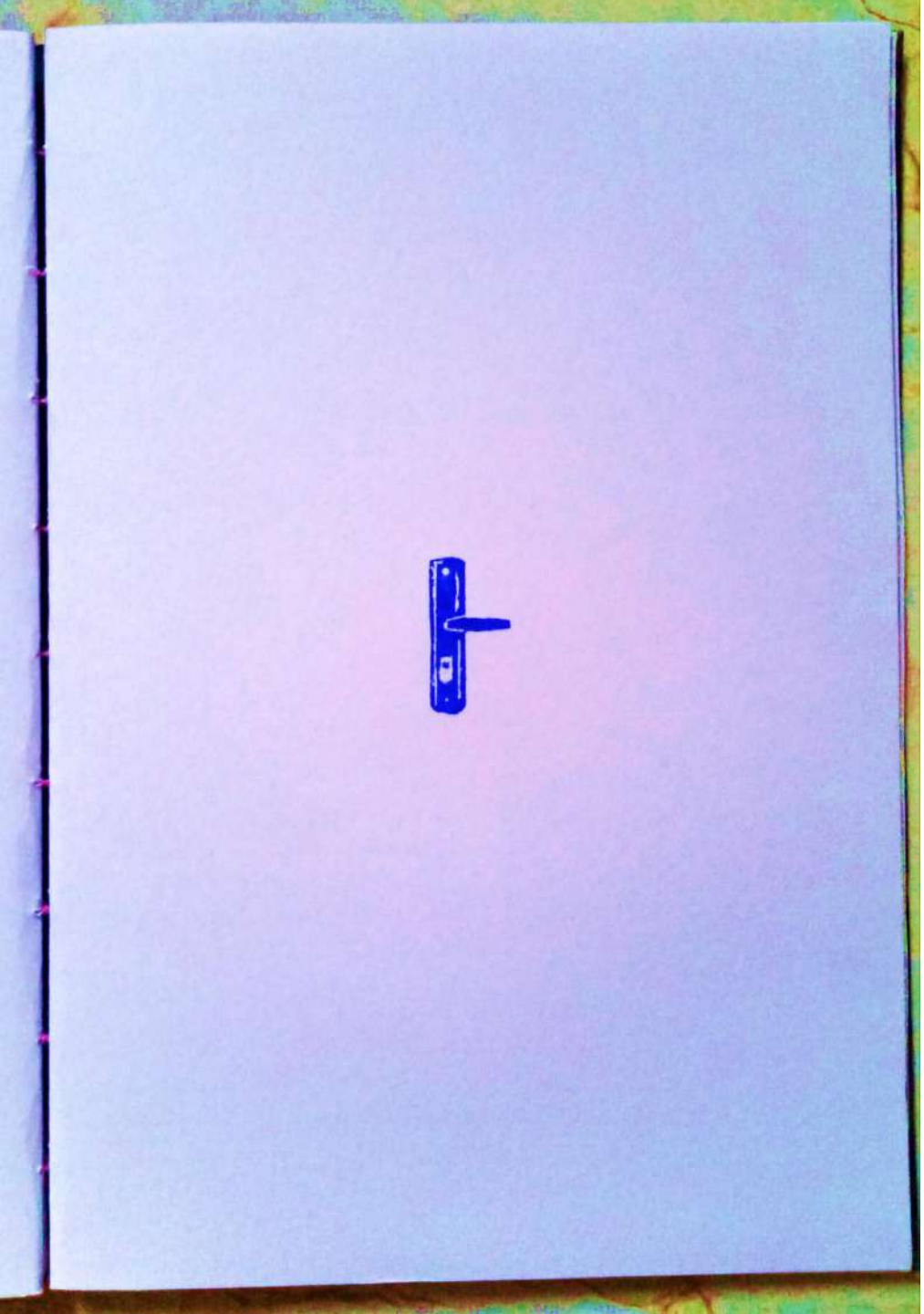
SENTADO EM UM CANTO QUALQUER E SABOREANDO A ANSIEDADE

“Acabei por explorar um pouco meu corpo como matriz em contato com minha casa, em especial meu quarto. Tentei marcar algumas partes como mãos, pés e costas, e em todas essas composições abordo questões relacionadas ao dia-a-dia dentro de casa, ou simplesmente reações á quarentena. Todas as composições foram feitas dentro do meu quarto pois esse é o lugar que tenho mais privacidade na casa, e o que mais fico. Isso foi uma das coisas que me inspirou nas pegadas das gravuras de *Ir e Vir,* onde abordo meus movimentos de entrada e saída do quarto. As outras composições são: *Deitado esperando, Preces de joelho para que tudo termine logo, Sentado em um quarto qualquer e saboreando a ansiedade,* onde abordo sobre minha situação na quarentena e como esses dias tem sido ruins.”

DEITADO ESPERANDO

IR E VIR

“Optei por usar materiais mais simples e que eu pudesse encontrar com mais facilidade em minha própria casa. Usei algumas borrachas que eu já tinha em casa e outros materiais como estilete, alicate de unhas, almofada para carimbo e lápis para desenhar as formas. Para fazer os desenhos usei um lápis comum, e escolhi desenhos mais simples e geométricos no começo como o olho e a cabeça, nos quais cheguei até a usar alguns objetos geométricos como tampas de canetas e potes, para desenhar as formas e também para ajudar na hora de cortar essas formas na borracha, usando essas tampas como uma espécie de régua. À medida que eu ia me familiarizando com a técnica fui também me aventurando com carimbos mais complexos, e tentando formas mais complicadas. Nesse momento tive bastante falhas, cheguei a jogar algumas borrachas fora, no entanto houveram sim alguns carimbos que deram certo nessas tentativas, sendo eles a bomba, a fechadura e o livro. A figuras não tem nada muito específico, e talvez nenhum significado, fiz de maneira bem descontraída para apenas trenar e praticar a gravura em relevo. Logo, comecei minhas composições em meu caderno de artista, fiz algumas composições únicas, outras com repetições e uma com cores diferentes.”

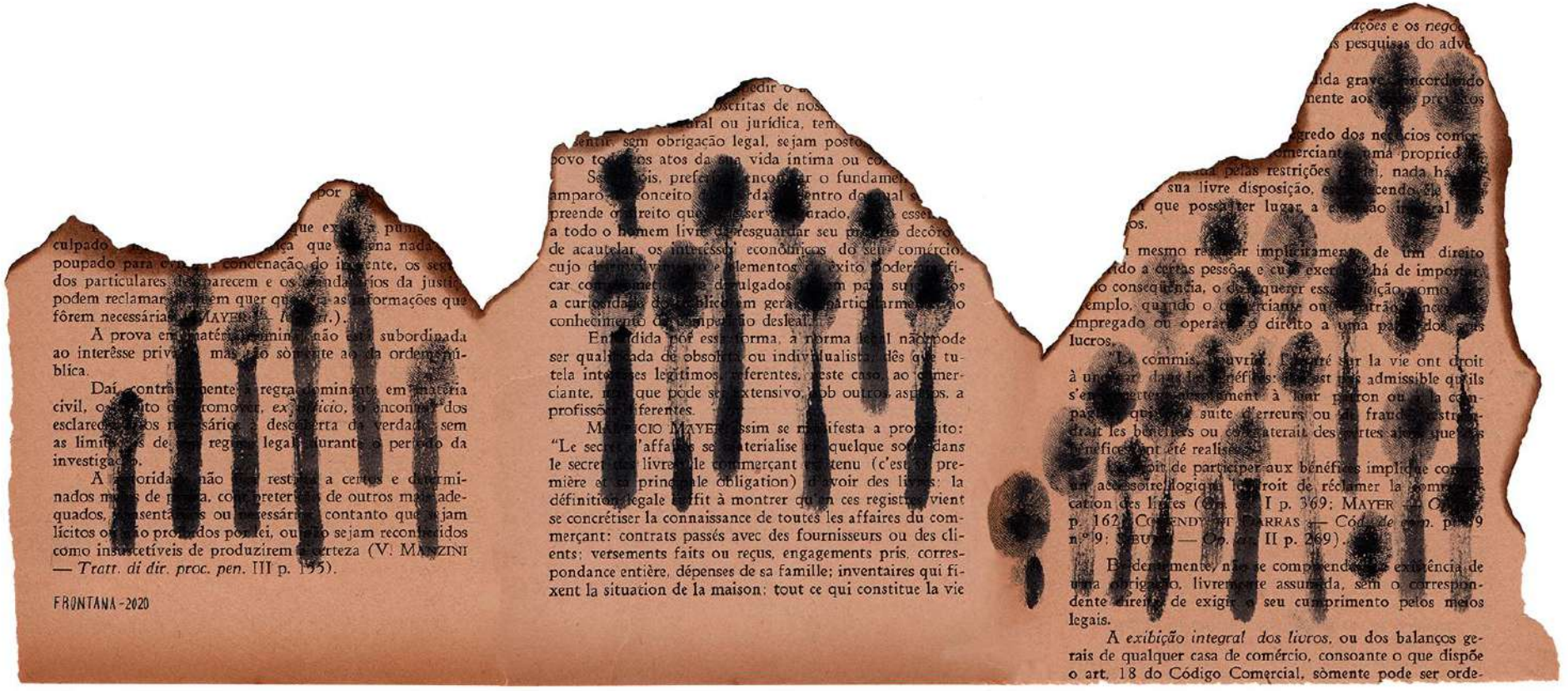


“Gostei da experiência de cortar as borrachas e dar formas a todas elas, me deixou bem calmo. Gostei, também, do resultado dos carimbos, alguns tiveram “falhas”, mas acredito que

vou melhorar com o tempo.”

Frontana

"Entre desbravar um novo mundo ou se manter fiel ao já existente."

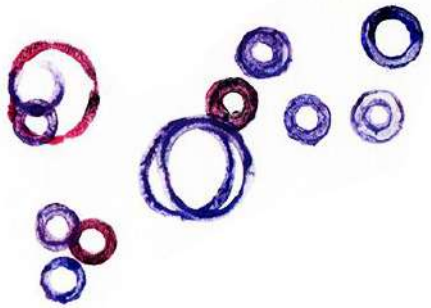


“Apesar de a gravura em relevo ser uma impressão refletida, da superfície elevada coberta de tinta, nunca havia parado para pensar que coisas como nossas digitais funcionariam como matrizes. A gravura na contemporaneidade traz à mostra todas essas possibilidades e como nosso corpo pode funcionar como matriz, micro ou macroscopicamente, devido suas texturas, relevos e formatos.”

INCÊNDIO

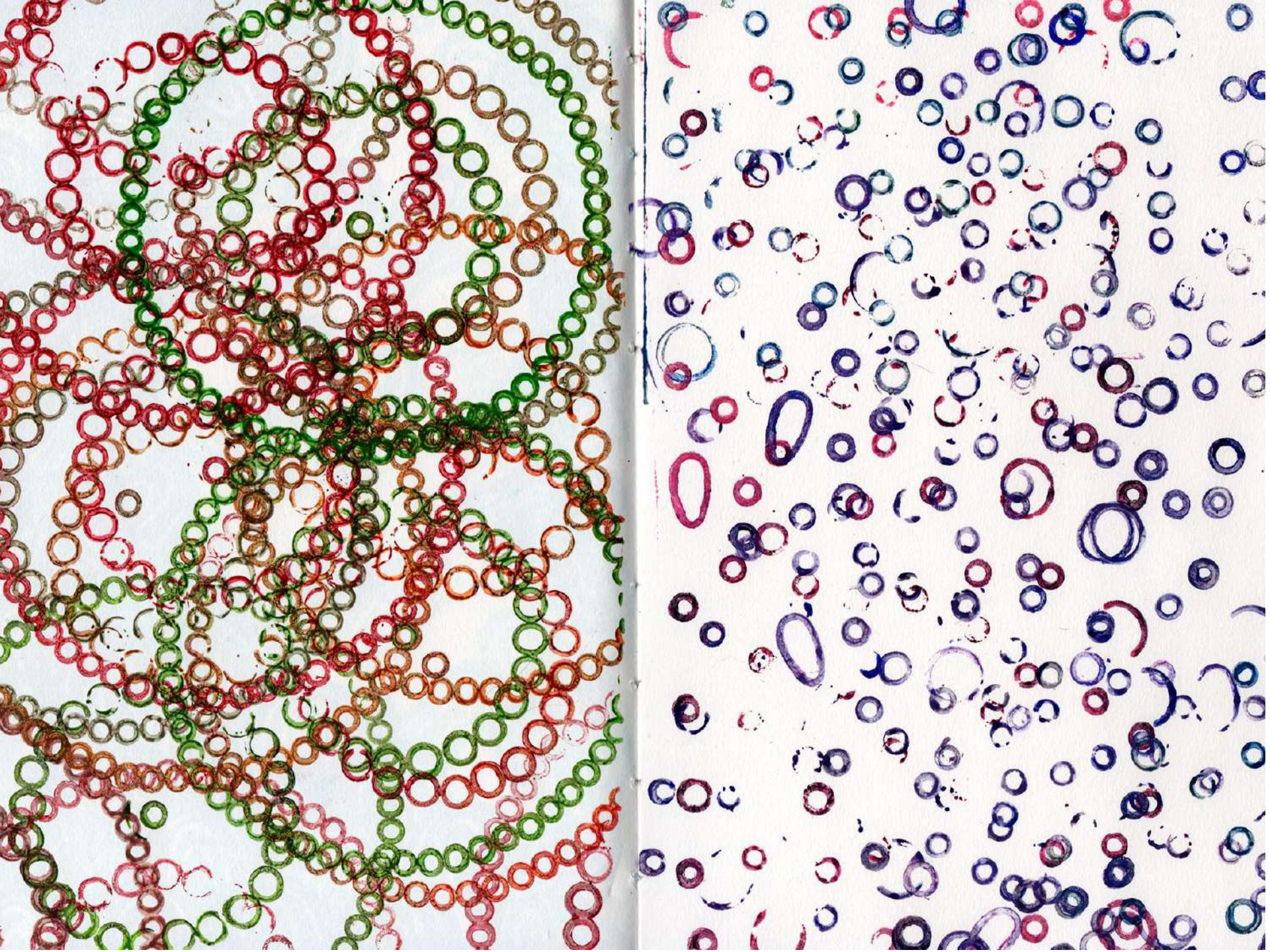
Impressões com aquarela que permitiram manchas e queimaduras.

“Ao escolher as formas para transformar em carimbos pensei em grafismos e padronagens.

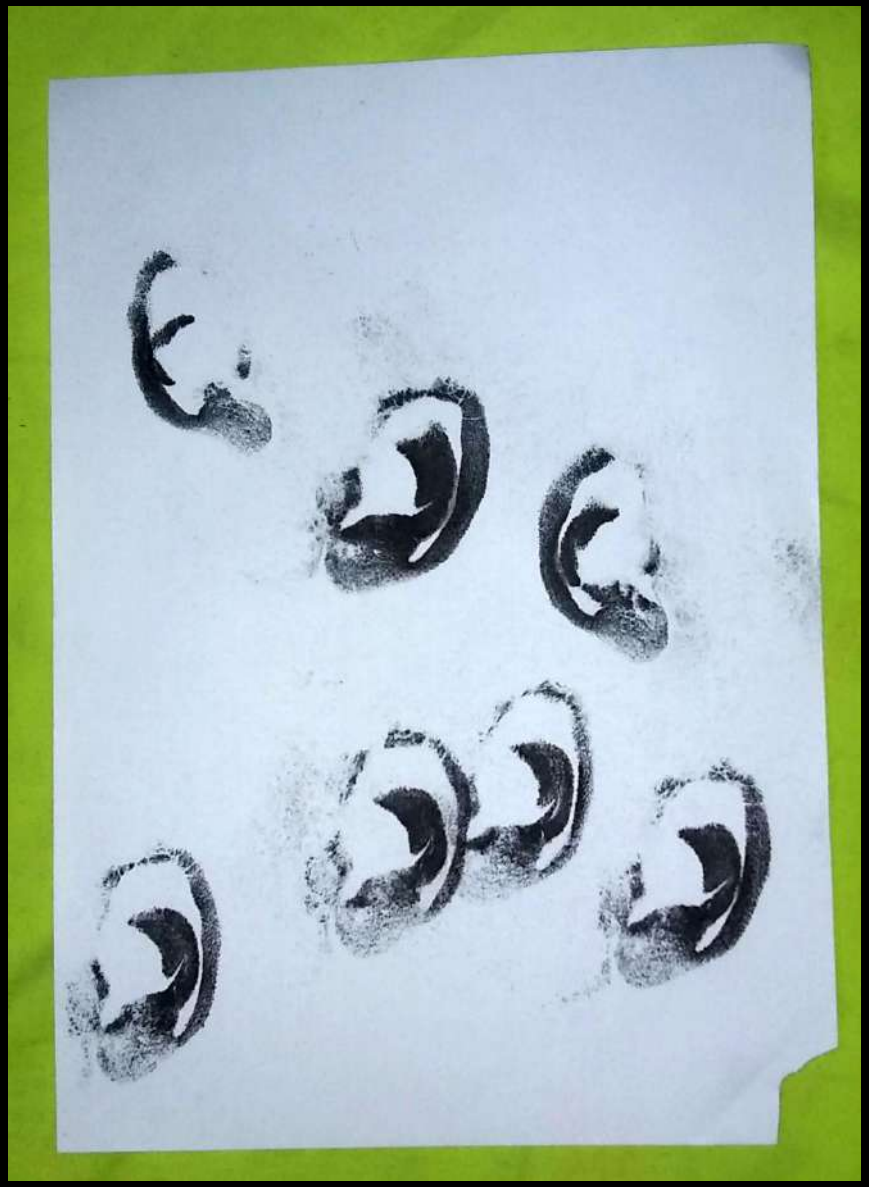


Nas impressões, usei aquarela, guache e carimbeiras para fazer a entintagem.”

“usei as linguinhas do meu aparelho ortodôntico que sobraram”



Daniel Oliveira de Abreu



“Pensar que sombras, marca de digitais, marca de sol ou a mordida que dei na maçã e deixou o formato dos meus dentes, são diferentes tipos de gravura, para mim é algo um tanto confuso, afinal onde começa e onde termina gravura? Não digo que não seja gravuras, afinal apresentam elementos que me levam a conclusão de serem gravuras, mas talvez não seja gravura, podem ser apenas elementos que se assemelham a gravura, ou talvez a gravura (de maneira tradicional) seja a busca de se assemelhar a essas gravuras “naturais”. Poderíamos pensar anos e anos, mas acredito que seria daquele típico pensamento:

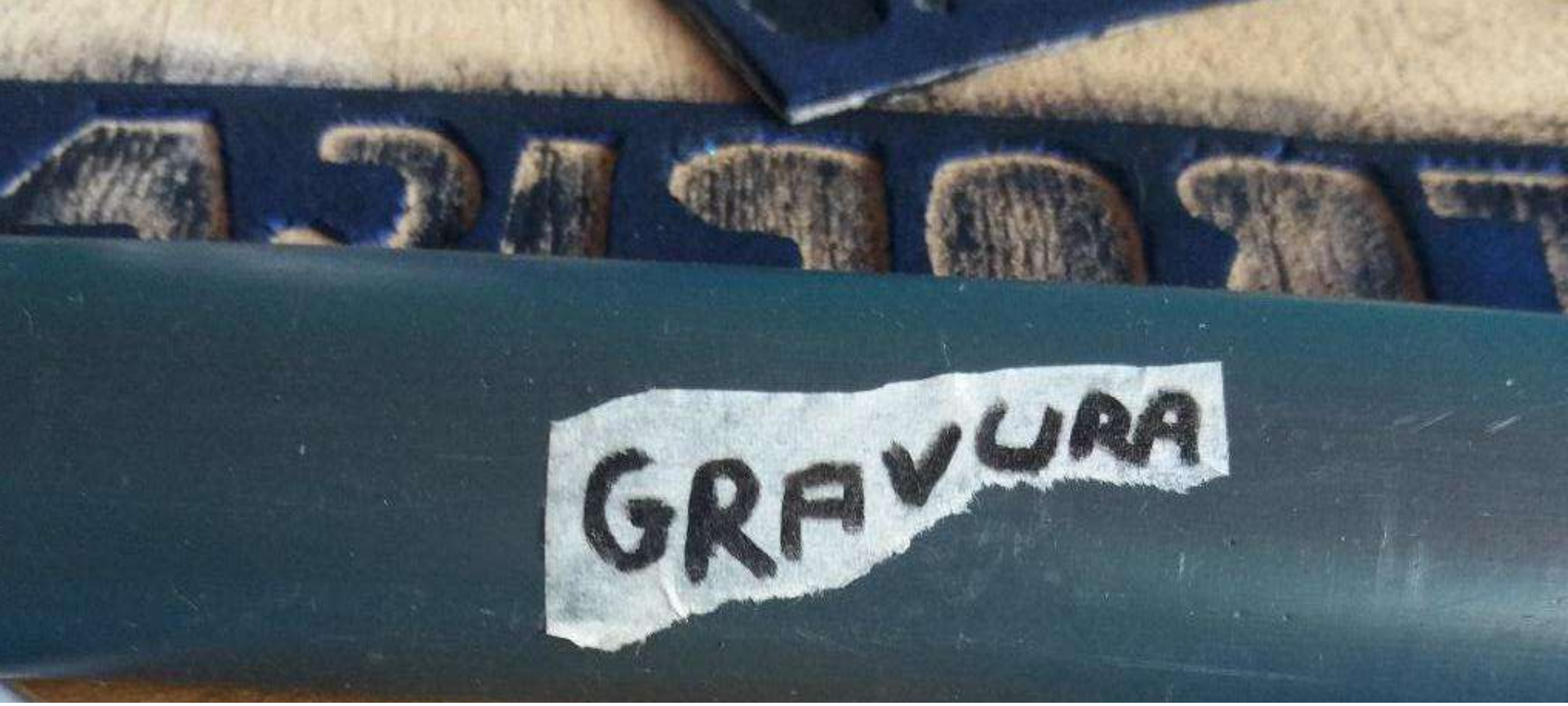
qual surgiu primeiro o ovo ou a galinha?”

ESCUTANDO O PAPEL

“Gravura é como uma marca, tanto em objetos quanto em toda história.”

“(...)pensar na gravura em campo expandido,
onde abre espaço para mais possibilidades,
é como se tivesse

aberto
um
Universo.”



Débora Letticya Gomes Dias

“Quando penso em gravura, duas coisas me vêm a mente, a primeira é a capacidade de reprodução, de uma primeira imagem em outras idênticas, ou quando não são, resultam em imagens semelhantes. A segunda questão corresponde as primeiras impressões feitas nas paredes das cavernas, na pré-história, no qual a imagem surge através do toque de uma superfície exemplo (mão), coberta por algum pigmento, e através do contato criasse uma reprodução.”

“A matriz usada para este trabalho foi o meu corpo, o modo como realizei me proporcionou muitas reflexões acerca do processo adotado e da técnica da gravura. O processo se iniciou, a partir de uma ação: quando precisei usar uma mesa aqui em casa, que fica na área externa e estava a alguns dias sem uso.

A mesa estava bem suja, então, com um pano úmido fiz a limpeza dela, assim quando terminei, percebi que minha mão havia deixado uma marca formada pela poeira no pano. Na hora tive um *insight*, que meu corpo havia acabado de realizar uma impressão, e essa seria minha proposta. A partir de então, a cada nova oportunidade diante de uma superfície coberta de poeira – pegava um pano limpo, umedecia-o, e, então, fazia pressão com o corpo sob o pano e a superfície. Percebi, que a cada pressão feita, em um mesmo momento, com a mesma parte do corpo, cada impressão que se formava era única e nunca igual. Essa experiência teve uma simbologia forte pra mim, por entender como uma forma primitiva de gravura, orgânica, com uso apenas de elementos puros e naturais – a água e a poeira, o corpo – com muita potência pra continuar a explorar essas “marcas” singulares.”

“(...) cicatrizes, machucados que possam surgir sobre esse corpo, tornara a imagem original impossível de ser reproduzida seguindo o padrão da igualdade ou semelhança. O que confere, ao corpo gravura, uma característica de reprodutibilidade enquanto o corpo como matriz, sempre única.”

“o ateliê de gravura da FAV sempre estava lotado, e isso era algo que me instigava a descobrir os mistérios vividos naquele espaço.
Enfim, com a notícia das aulas remotas, as curiosidades sobre o ateliê ficaram pra outro momento, quanto a introdução a disciplina nesse formato, sinto uma pena apenas por não experimentar as técnicas, em seus materiais convencionais o que desejo ser possível em uma outra realidade. Entretanto, foi deveras muito interessante o uso desses materiais alternativos, uma vez que, talvez, sem o acometimento da pandemia, não teria tido essa possibilidade de experimentação.”

BIXO

(...) me interessa muito o caráter de reprodutibilidade que ela possui, sobretudo pelas questões que me instigam em minha produção, como a introdução de elementos urbanos, da cultura de rua, cultura marginal – o uso da escrita – que também é algo que tenho buscado explorar, as letras de pichação, que é um **idioma próprio das ruas**. Todas essas questões, que permeiam meus interesses artísticos me fez olhar pra gravura, com um olhar de uma técnica com uma liberdade para criar diálogos e aplicabilidade dentro dessa cultura da rua muito potente.
Em minhas experimentações, busquei explorar esses pontos que atravessam o meu pensamento criativo – criando com os carimbos de e.v.a palavras simbólicas, *tropical* que me remete muito a um signo nacional, para mim –

BIXO

escrito assim com x por que a palavra no contexto em que eu a uso, é na forma de dialeto, um dialeto falado nas "quebradas" na qual tenho convívio, faz parte da minha realidade. Outros símbolos também, foram o *arame farpado* a *pipa,* que também foram explorados com os significados que possuem dentro do contexto das minhas vivencias. Por fim, busquei reproduzir com os carimbos de e.v.a esses signos em meu caderno, em folhas A3 com a intenção de talvez usar eles como lambes, para ocupar esse espaço urbano.”

TROPICAL

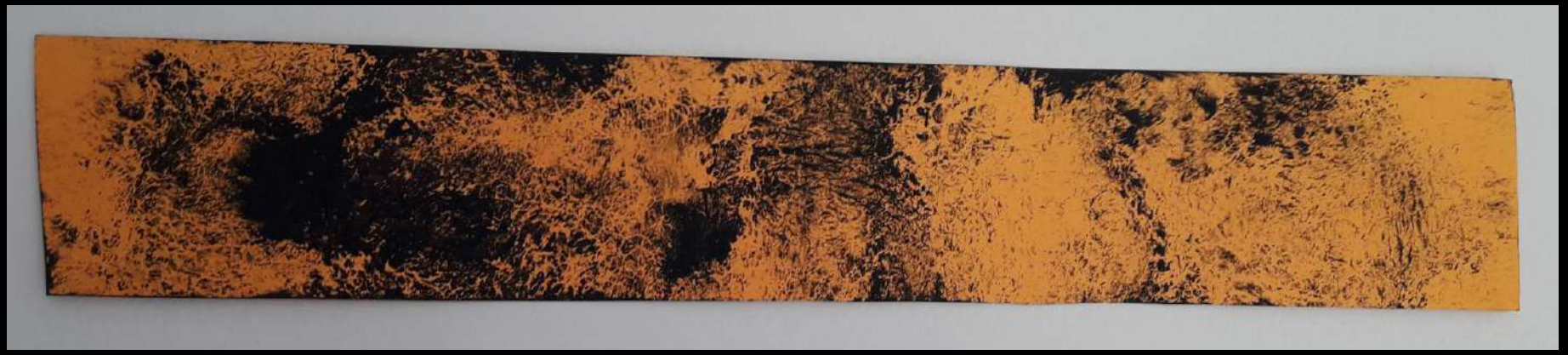
Badu

“Campo de atuação da gravura é imensamente maior que somente a matriz numa prensa.”

Uma vez que pensamos estampas considerando a forma tradicional de estampagem, como parte dos processos resultantes da gravura, é de fácil associação que a linguagem está presente de forma intensa no nosso cotidiano. Os entalhes e suas possibilidade entintadas e prensadas, saltam do ateliê e tomam nossos dias em forma de comunicação e vestimentas presentes no cotidiano, e que nosso corpo se envolve em gravuras estampadas. Uma vez que esse ciclo é possível, também é uma possibilidade esse mesmo corpo inverter os processos e se tornar gravura.”

“percebemos que nem só de formões e matrizes de alto valor é que fazemos a gravura. Nesse viés é possível enxergar matrizes de possibilidades mais dinâmicas e alternativas para traçarmos um diálogo que transcende as possibilidades que a tradicional linguagem nos oferece. Desse modo, o próprio objeto gravado pode se tornar uma peça artística enquanto, o corpo pode servir de uma matéria-matriz de plurais formas de utilização.

O corpo funciona com uma matriz talhada pelas nossas experiências e vivencias; as cicatrizes deixadas por algumas situações, as tatuagens ou mesmo o tempo, entalham em nossa pele como se a própria vida tivesse uma goiva para gravar aos poucos nossa história. Sendo deste modo, o corpo também funciona enquanto objeto para se gravar em uma superfície, entintado e prensado sobre um papel.”



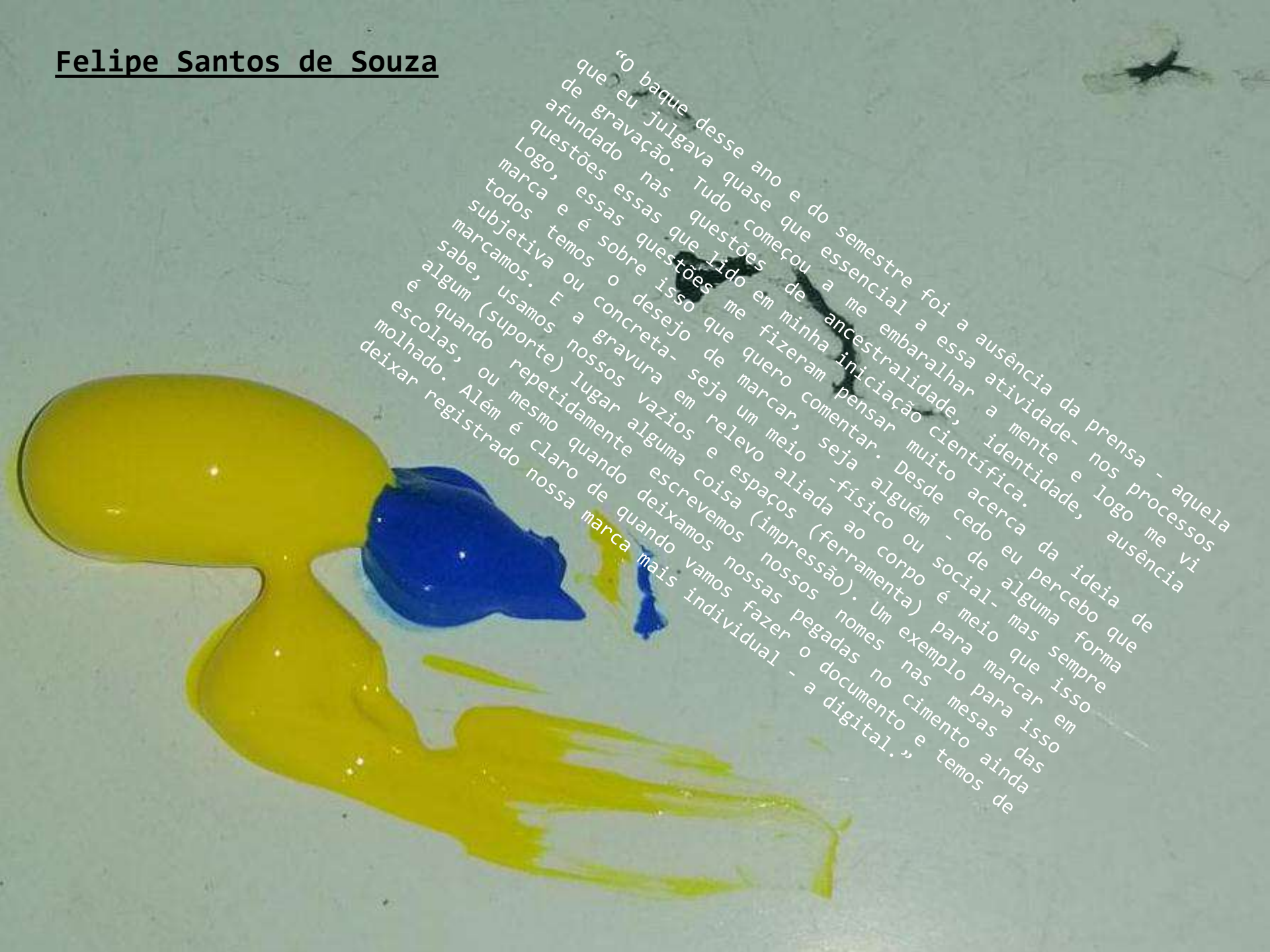
“as formas dialogam com o papel.”

“Pensando na ideia de soluções alternativas, acabei por achar um pedaço e isopor que chegou aqui em casa numa encomenda, nele tentei gravar algumas coisas mas como ele é bem rígido não consegui trabalhar tanto. Posteriormente gravei algumas linhas com faca quente. Entintei com uma esponja para deixar o mais uniforme possível, porém o resultado não ficou tão uniforme por conta da falta de distribuição de um peso na hora de prensar. Devido alguns carimbos de isopor terem virado quase um *blockprint*, faltou uniformidade de pressão sobre o papel.

Desses carimbos gostei muito do aspecto granulado, me deu uma sensação bem próxima daqueles efeitos de filmes de 35 mm do cinema antigo. As próprias granulações são uma textura que me instiga na estampa que deixou.”

“Comprovei na prática as possibilidades de composição com poucos carimbos, é interessante isso pois o mesmo carimbo pode expressar diversas possibilidades dentro da região trabalhada, sendo uma padronagem ou uma repetição sem uma ordem certa, isso tudo me encantou.”

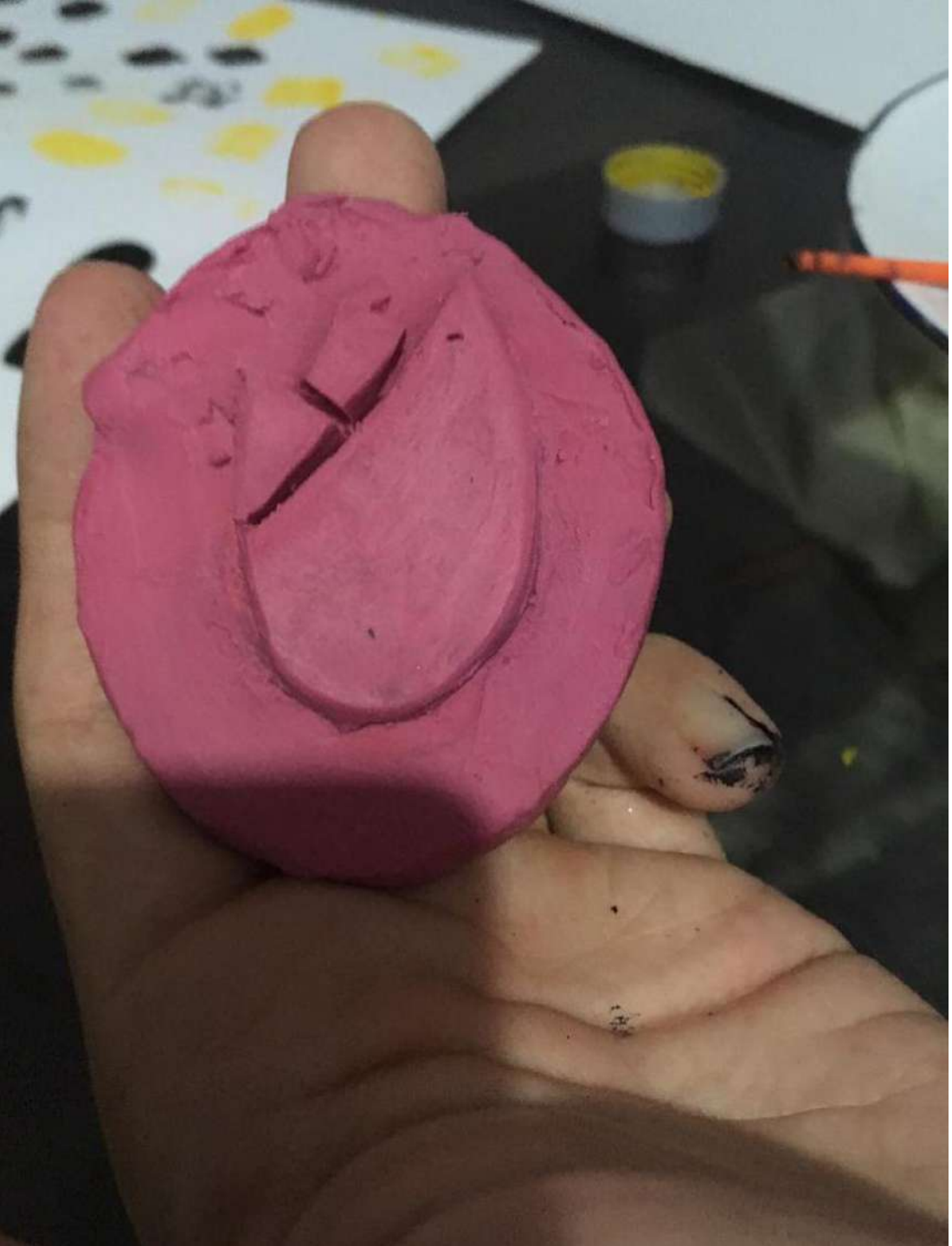
Felipe Santos de Souza



“O baque desse ano e do semestre foi a ausência da prensa - aquela que eu julgava quase que essencial a me embaralhar a mente e logo me vi de gravação. Tudo começou a me embaralhar a mente e identidade, afundado nas questões de ancestralidade, identidade, ausência questões essas que li do em minha iniciação científica. Logo, essas questões me fizeram pensar muito acerca da ideia de marca e é sobre isso que quero comentar. Desde cedo eu percebo que todos temos o desejo de marcar, seja alguém - de alguma forma subjetiva ou concreta- seja um meio -físico ou social- mas sempre marcamos. E a gravura em relevo aliada ao corpo é meio que isso sabe, usamos nossos vazios e espaços (ferramenta) para marcar em algum (suporte) lugar alguma coisa (impressão). Um exemplo para isso é quando repetidamente escrevemos nossos nomes nas mesas das escolas, ou mesmo quando deixamos nossas pegadas no cimento ainda molhado. Além é claro de quando vamos fazer o documento e temos de deixar registrado nossa marca mais individual - a digital.”

P.A

P.A
Felipe Santos



Gravar a matriz ou

Modelar a matriz ?

Giulianna Vitória Augusta Ramos

“Quando eu falo em gravura, automaticamente o verbo gravar subentende-se no sentido de deixar algo gravado e consequentemente em outras definições como: marcado, fixado ou impresso. O ato de partir de algum objeto ou até mesmo a palma da mão, capazes de "grudarem" a tinta em si próprios e passarem isso para um papel ou chapa de MDF, se transforma numa espécie de carimbo, capaz de deixar uma impressão pelo resto da vida. E a gravura, nela existe muitas vertentes. Explicando a pergunta sobre o que é gravura em relevo, pode-se citar como exemplo a xilogravura, um carimbo de borracha com uma imagem divertida esculpida antes, que quando carimbado no papel, uma figura marca o papel. Uma vez ou várias vezes formando um padrão de impressões, diversas vezes até encontrar a marca ideal.

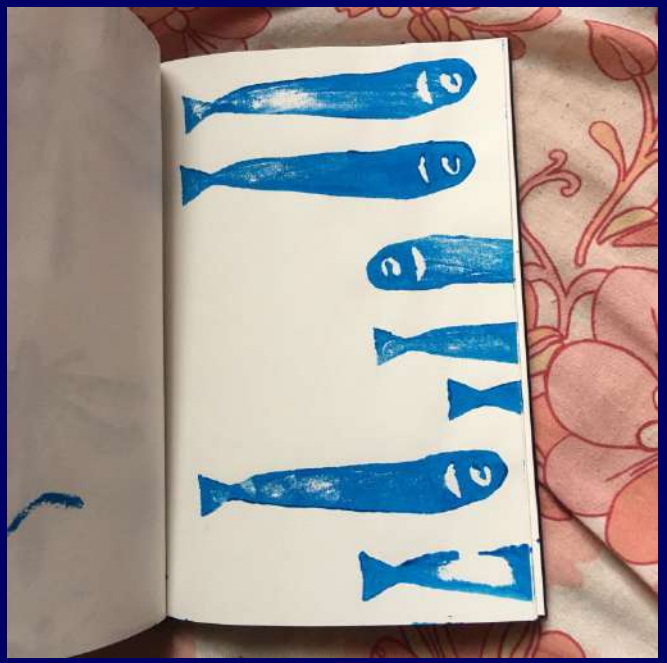
Na linguagem artística contemporânea, a gravura faria uma ligação com o corpo humano. Para usar o corpo inicialmente como uma matriz, consequentemente sendo uma gravura. Um exemplo que eu sinto muito uma linguagem contemporânea, foi o Yves Klein e a performance que as mulheres faziam com seu corpo e a tinta azul carimbando-se na folha. Penso que o corpo humano, nessa era artística contemporânea funciona como uma grande marca expressiva que todos tem se inspirado a usar de diversas formas. Posso usar minha boca e criar um impressões, marcas por várias partes no papel ou simplesmente beijando a bochecha de alguém com um batom vermelho sob os lábios. O que é curioso, observando isso agora, porque antes eu nem me dava conta que fazer isso, poderia ser um tipo de gravura...”

REFERÊNCIA
Kendall Jenner
para W Magazine
performance de
Yves Klein
AZUL.
meus rastros do
meu pé até a
tinta acabar
no meu próprio
pé.
RASTROS
MULTIPLOS

Meu pé...

Meu antebraço...

“Eu só quero deixar uma impressão”



“(...) eu tinha a visão que tudo seria na base do metal e da prensa. Na minha última reflexão compreendi lendo e pesquisando que o corpo é visto como carimbo, e a marca de batom na bochecha é uma espécie de impressão deixada, assim como seria o carimbo que eu fiz de borracha, onde eu esculpi um suricato e uma baleia. A gravura para mim é o ato de usar um formato como algo intencionado para deixar uma marca, uma impressão. Seja ela vindo dos seus lábios ou de um carimbo feito em EVA. É a matriz partindo de um formato em específico. O que eu quero deixar gravado ali? Uma libélula?

Enquanto esculpia os carimbos de borracha foi como um pequeno baque entendendo que não era pressionar uma imagem no metal. É um campo expandido que posso olhar para o meu corpo, para as minhas mãos, para o papel de uma maneira diferente. Acredito que o que vá ficar marcado para mim foi entender que um beijo na bochecha de batom é um meio de tornar impresso de alguma forma. Especialmente por compreender que o corpo humano também é uma matriz ambulante. Porque antes, muitas coisas eu via e não tinha essa visão. Até quando vamos ao médico, não notamos o carimbo do médico como o carimbo em si.

Gosto de saber que eu posso criar diversos carimbos em EVA sem estar presa a ideia de uma gravura detalhada demais. A partir dessas experimentações, posso ir aperfeiçoando com algo que gosto, como a face humana, por exemplo.”

Gustavo Gabriel de Oliveira

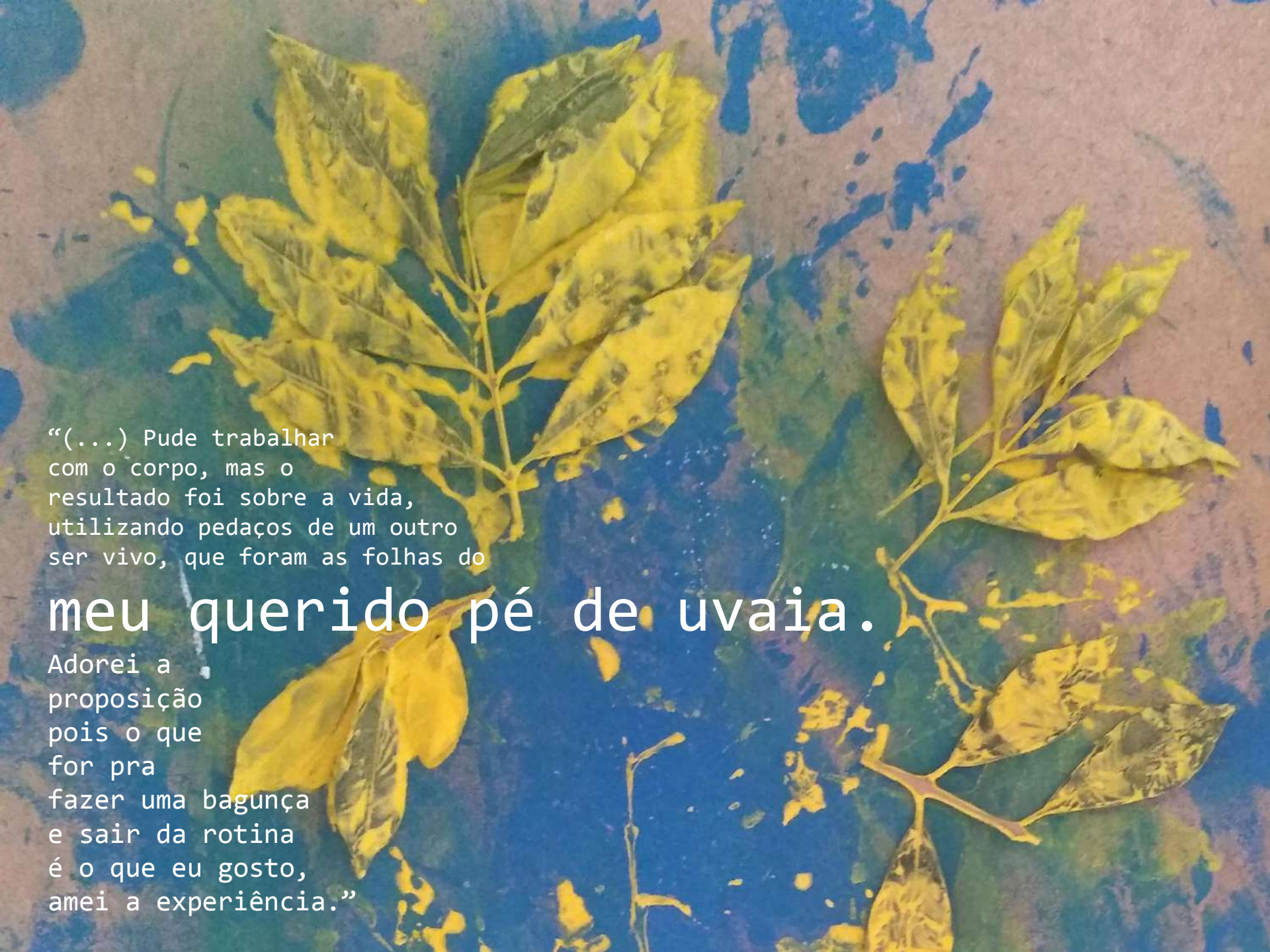
PARE

PARE

Kei Jardini da Silva

“A gravura não é só contemporânea, como atemporal. É uma técnica milenar mas que na contemporaneidade ganha novos aspectos, através da liberdade e inventividade alcançada por meio das vanguardas. Antes, a matriz que se resumia à materiais que se pode contar nas mãos, com a chegada da contemporaneidade a gravura ganha novos aspectos, podendo resgatar técnicas antigas ou criar novas técnicas que desconhecem os limites das tradições, de dimensões mínimas (sendo parte integrante mas não total de algumas obras) à dimensões gigantescas (compondo murais de grandes dimensões à salas expositivas inteiras).
O corpo em minha percepção é uma matriz de extrema sensibilidade, afinal é onde eu moro, ele tem marcas e conta mais da minha história do que jamais poderia expressar em qualquer gênero de fazer artístico. Apesar dos estudos sobre o corpo e conhecermos como um corpo "deve ser", cada corpo é único, o exemplo mais simples que posso imaginar são nossas digitais, usadas desde o nascimento para a impressão através da gravura em relevo que é única e exclusiva de cada um.”

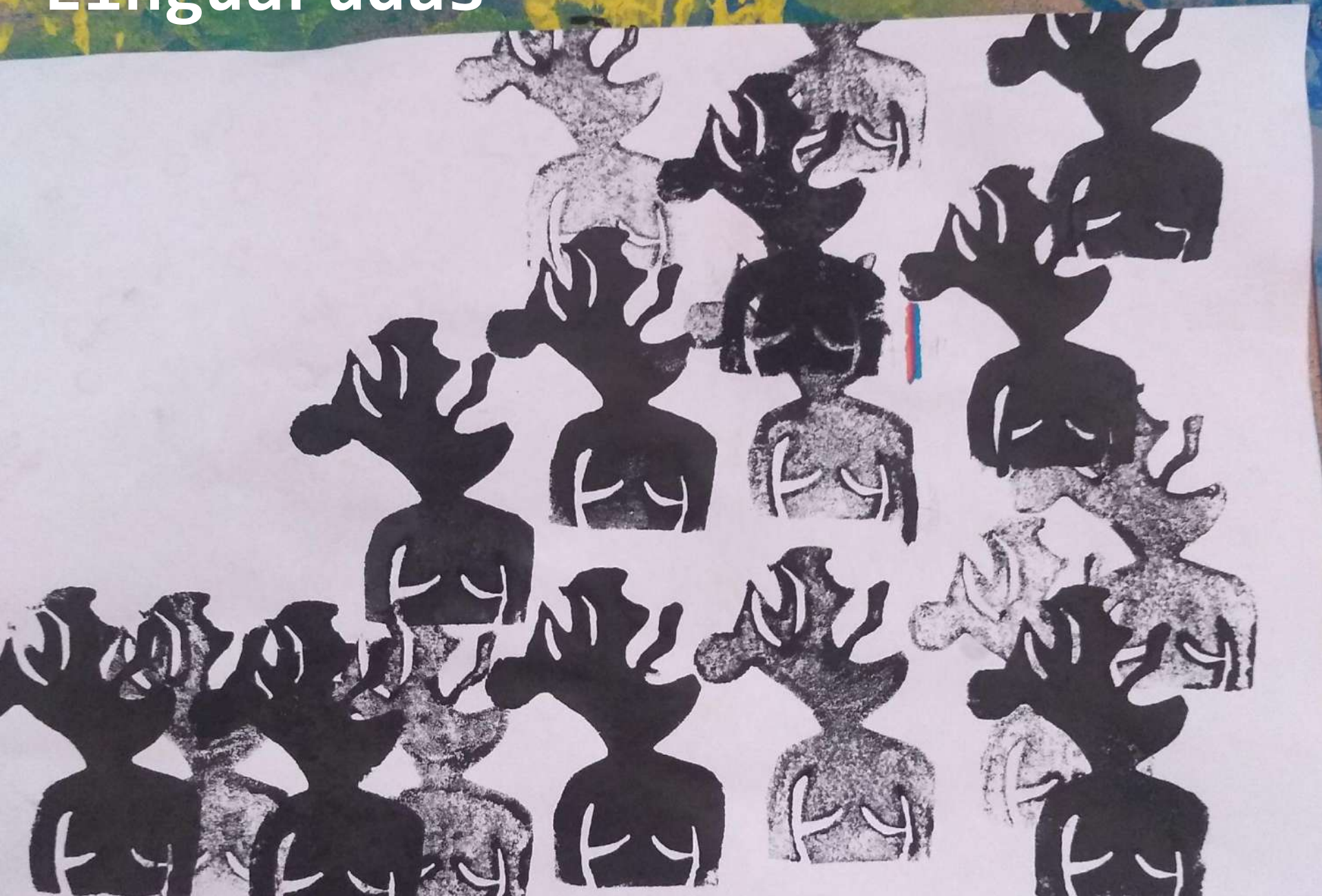
RAMIFICAR


“(...) Pude trabalhar
com o corpo, mas o
resultado foi sobre a vida,
utilizando pedaços de um outro
ser vivo, que foram as folhas do
meu querido pé de uvaia.
Adorei a
proposição
pois o que
for pra
fazer uma bagunça
e sair da rotina
é o que eu gosto,
amei a experiência.”

CRESCER

“(...) se alguém pegasse meu corpo após eu morrer e fizesse inúmeras impressões através dele, não só do lado de fora como também meus órgãos, meus ossos e músculos, ia ser um memorial muito aterrorizante, porém, com toda certeza e propriedade, poderia dizer: aqui jaz Kei Jardini da Silva (ou o que já foi dela).”

Linguarudas



“Criar uma matriz própria é muito complicado, ainda mais com equipamentos que não são tão precisos (assim como a minha técnica), no entanto pude aprender muito, foi a primeira experiência com a criação de matrizes e me lembrarei sempre com muito carinho**. Agora o que for de gravura eu tô dentro, imagino que deve ser ainda mais interessante e divertido poder trabalhar no ateliê.”**

Linguaruda no centro dos astros

Letícia Nascente Gomes

“Arrisco dizer que em nosso contexto contemporâneo uma grande questão a ser levantada talvez seja a importância da impressão. Presente na gravura mas também no nosso dia a dia. Seja nas paredes das cavernas pré-históricas, seja nas digitais que deixamos todos os dias nas superfícies que tocamos. A impressão sempre nos acompanhou e o corpo tem sido matriz por muitos anos.”

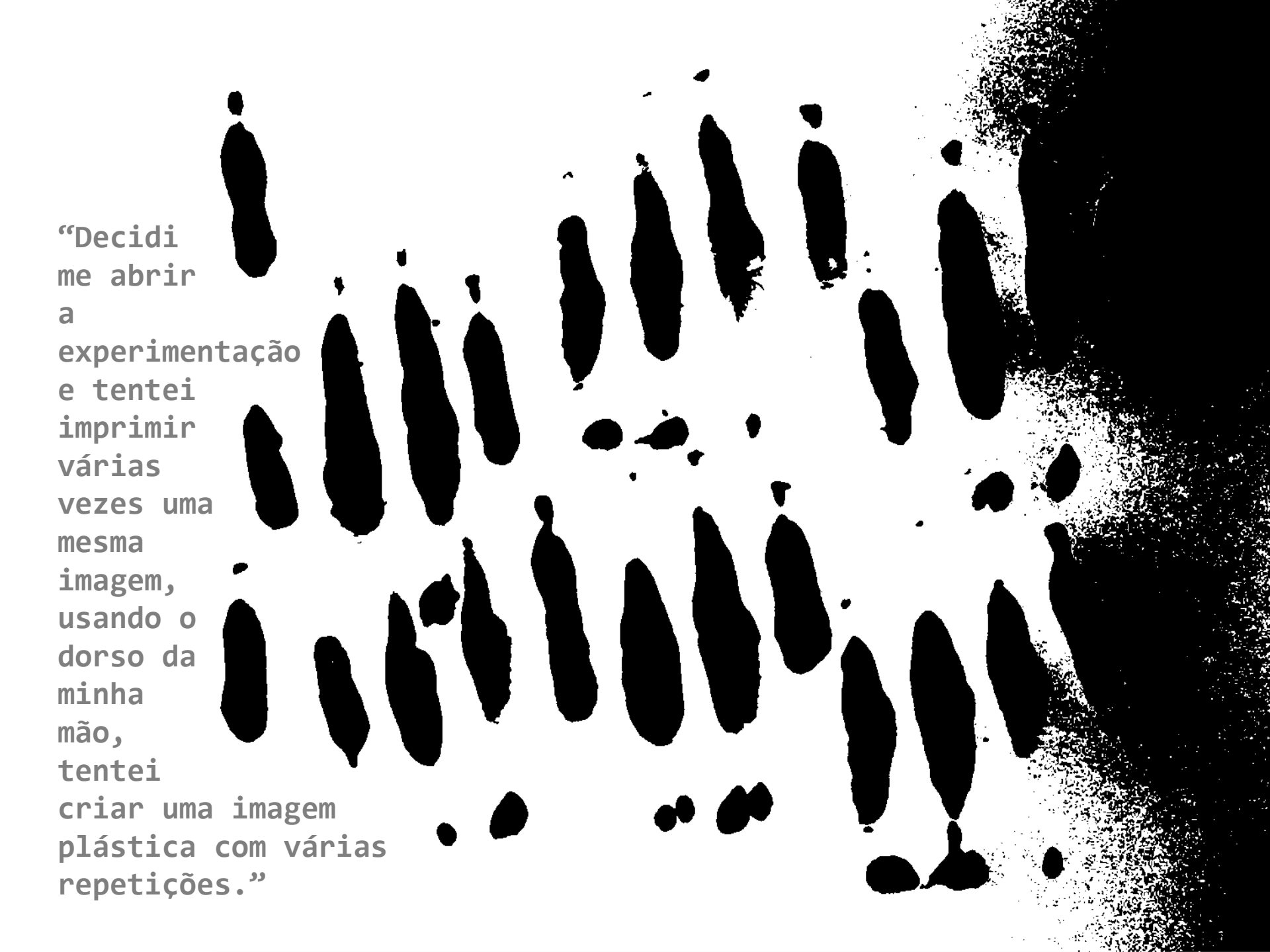
“Adorei a maneira que a textura da cenoura interagiu com o nanquim e o efeito do resultado no papel me lembrou literatura de cordel. Achei a textura da cenoura similar a de algumas madeiras, talvez por isso tenha tido essa impressão do efeito produzido pelo carimbo com a nanquim depois de pronto.”

ASSINATURA

Luiz Gustavo de Andrade

“Passando constantemente em frente ao ateliê de gravura, sentindo o cheiro das tintas, dos tóxicos e inclusive ouvindo os barulhos das prensas acabei meio que aprendendo por osmose o que seria essa linguagem.”

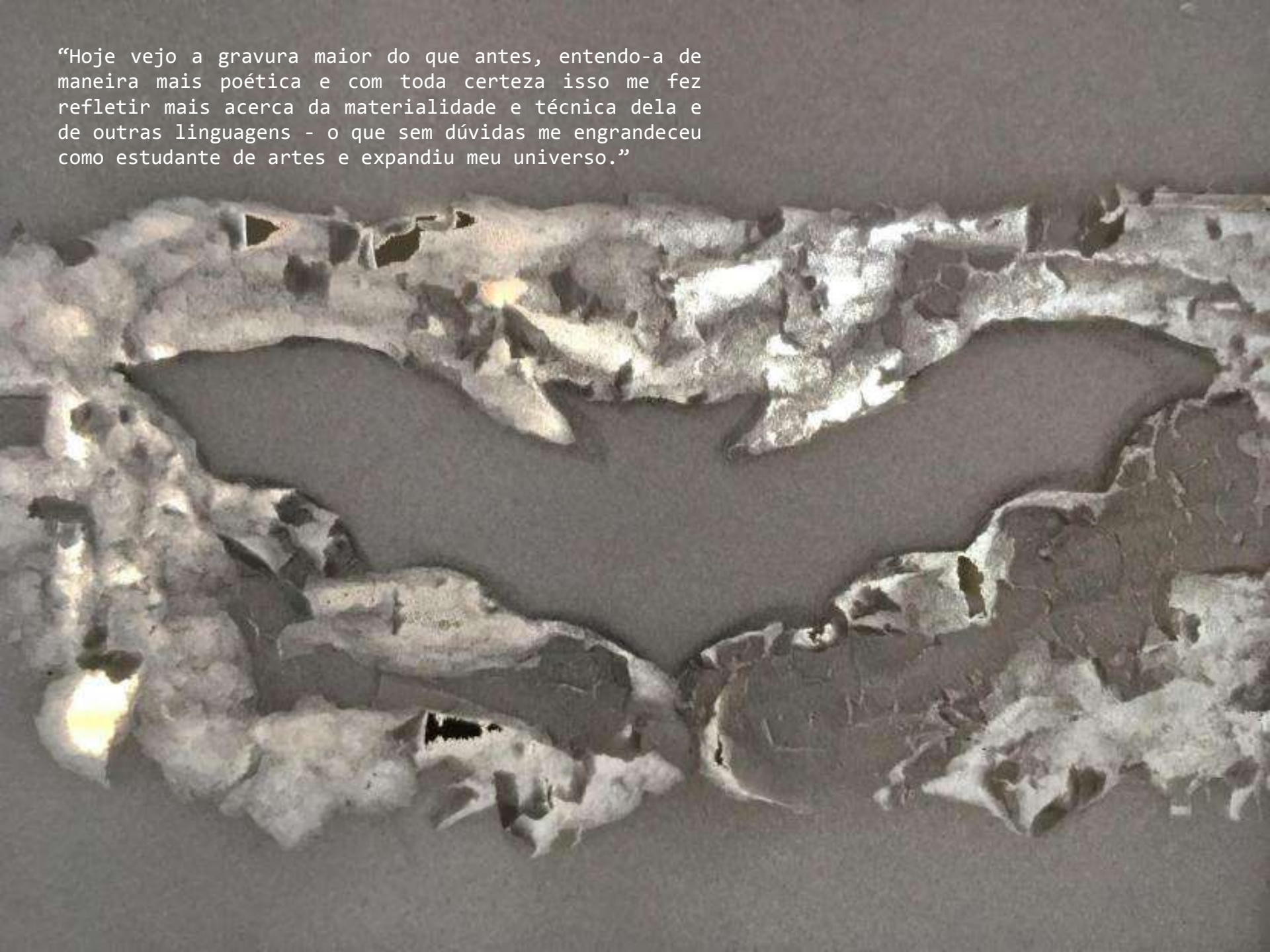
“Queria poder ter vivenciado a experiência das máquinas e da tinta gráfica.”



“Decidi me abrir a experimentação e tentei imprimir várias vezes uma mesma imagem, usando o dorso da minha mão, tentei criar uma imagem plástica com várias repetições.”

“Procurei um objeto diferente para ser minha matriz, acabei usando uma bandeja de isopor para tentar imprimir algo figurativo, sobre o carimbo e sua materialidade, foi bem complicado, pois era um material meio sensível, em alguns lugares acabei atravessando-o, no entanto, consegui fazer algumas impressões e gostei do resultado delas.”

“Hoje vejo a gravura maior do que antes, entendo-a de maneira mais poética e com toda certeza isso me fez refletir mais acerca da materialidade e técnica dela e de outras linguagens - o que sem dúvidas me engrandeceu como estudante de artes e expandiu meu universo.”



Manoel Oliveira de Figueiredo

“Após a leitura dos textos, pode-se entender o conceito de gravura como um processo de transferência ou impressão de uma imagem sobre outra superfície, podendo ocorrer naturalmente ou artificialmente pela ação humana. Não obstante, outra característica importante é a possibilidade de repetição do processo indefinidamente, isso é, enquanto a matriz, a fonte da impressão, for mantida em boas condições, o que depende também da durabilidade do material do qual foi feita. A impressão se encontra num âmbito amplo de concepção, pois engloba desde a produção artística à acontecimentos cotidianos, como as pegadas deixadas ao pisar numa poça d’água, por isso sua definição pode ser trabalhosa.

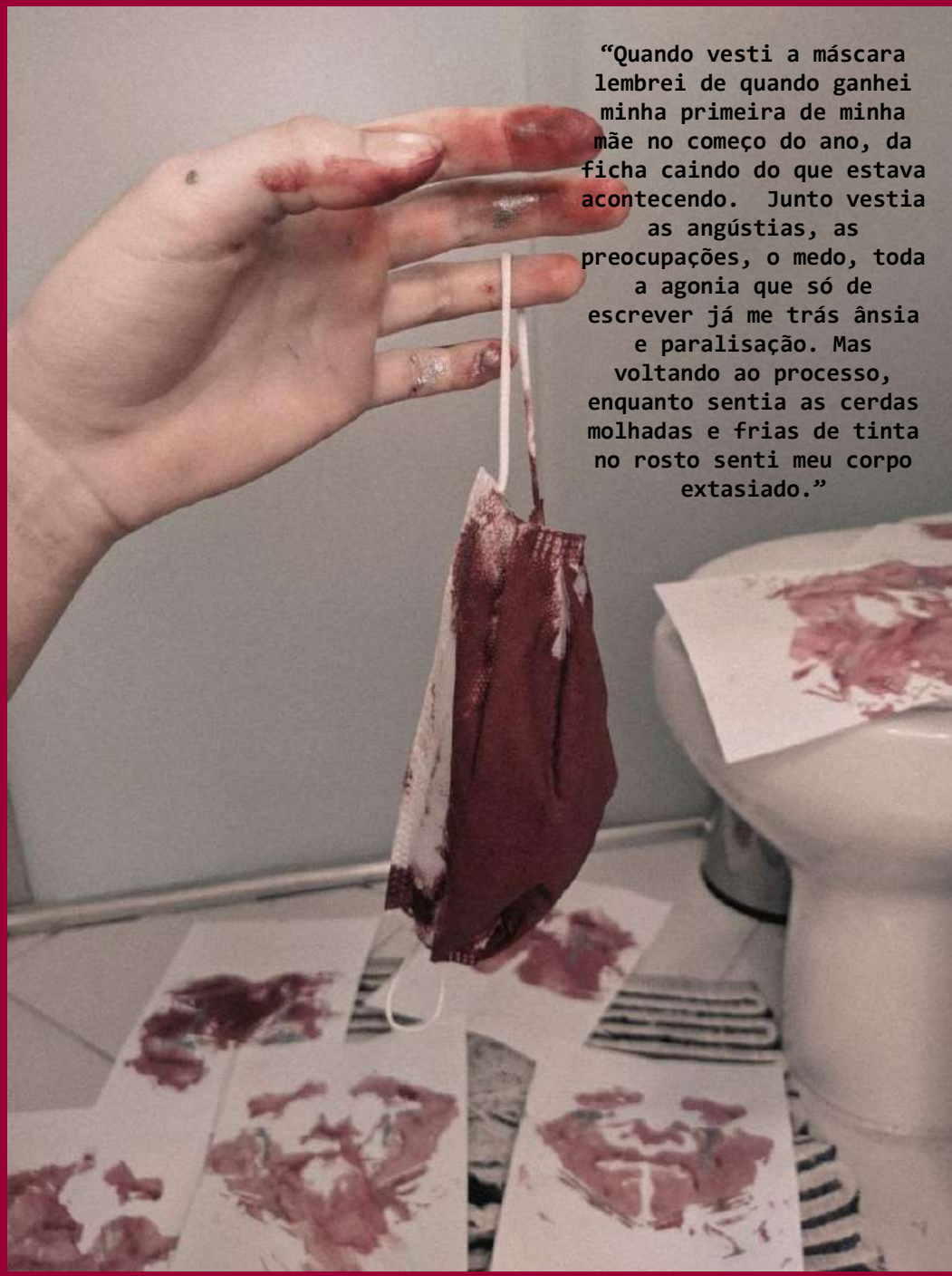
Dentro do meio artístico, uma das práticas mais comum seria a impressão em relevo, em especial técnicas como a xilografia (matriz de madeira) ou a tipografia (matriz de metal), as quais consistem na utilização de entalhes, fendas ou perfurações em suas matrizes para a criação de uma diferença de relevo; a parte mais profunda funcionara como espaço vazio e a parte da matriz que não foi alterada, possuindo maior relevo poderá então, através do uso de tintas ou pressão, realizar a impressão criando a imagem desejada. Na contemporaneidade, o espaço da gravura tradicional e sua produção (muito além da produção de zines, estampas, etc.) vem se expandindo com a introdução de novas técnicas e formatos, em particular a adesão do meio digital, bem como as mudanças na visão que se tem do próprio corpo, onde o mesmo pode servir tanto como matriz para as impressões, como superfície à ser marcada.”

Marcelle Veríssimo de Souza

“Não encontro palavras para descrever a sensação ao produzir esse trabalho. Mas sei que meu corpo vibrava e consegui, finalmente expelir bastante do que me assombra aqui dentro.”

“Sentada no chão do banheiro por alguns minutos me forcei a pensar em algo que gostaria de elaborar, pensei nas cores, cogitei o preto, me observei no espelho… Conclui que faria sem pensar muito no resultado, tive certo receio e um pré-conceito sobre a técnica, não sabia o que esperar, com muita dificuldade em transcrever minhas angústias, me encorajei e deixei fluir.
Gostaria de representar um tom mais sangue e comecei a misturar as tintas para conseguir esse tom.”

“Após entintar toda a “matriz” que seria usada, espirrei água no rosto e comecei as impressões. Com cuidado pois sabia que talvez a folha não seria a mais adequada.”



“Quando vesti a máscara lembrei de quando ganhei minha primeira de minha mãe no começo do ano, da ficha caindo do que estava acontecendo. Junto vestia as angústias, as preocupações, o medo, toda a agonia que só de escrever já me trás ânsia e paralisação. Mas voltando ao processo, enquanto sentia as cerdas molhadas e frias de tinta no rosto senti meu corpo extasiado.”

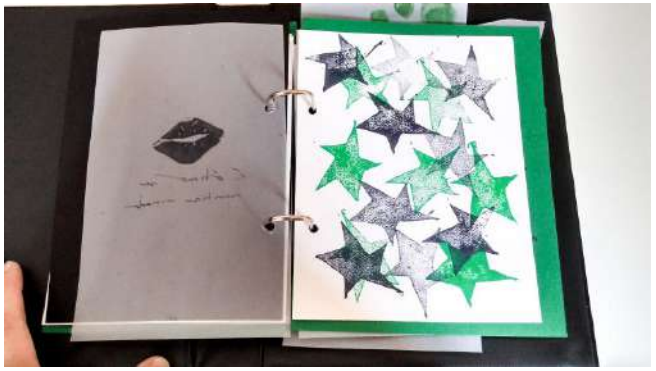
“O vermelho seria a base, acrescentei um pouco de roxo e depois o preto, diluí com um pouco de água e cheguei ao resultado que me deixou satisfeita.”

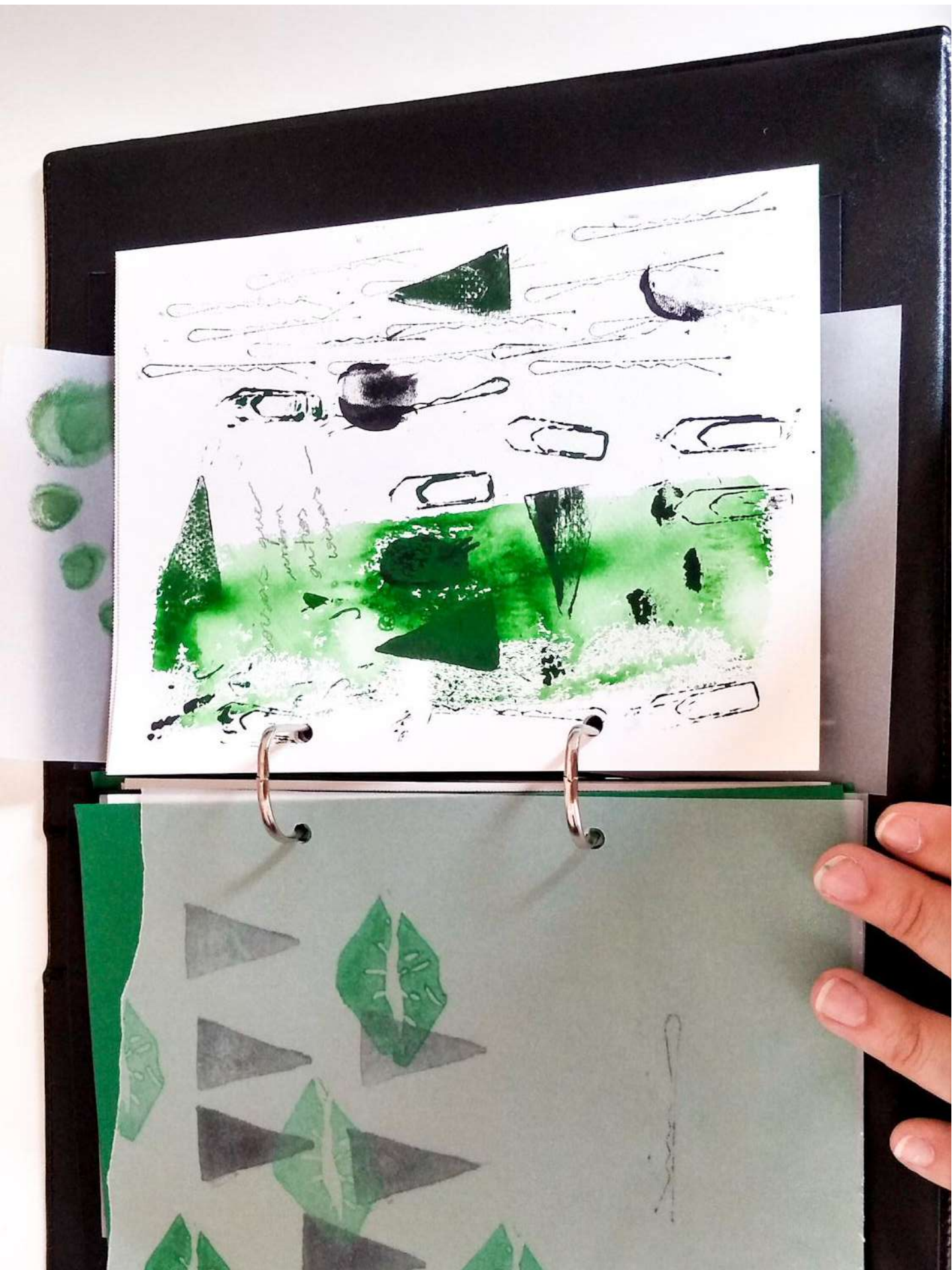
Maria Clara Curti Vieira Alves

“Adquiri um mini fichário de arquivos e com folhas coloridas, papel vegetal e seus retalhos, realizei as propostas da disciplinas. Escolhi as cores preta e verde, apenas porque eu gosto muito dessa combinação e utilizei tinta de carimbo, PVA e acrílica para a impressões dos carimbos. No geral, me agradou muito produzir esse fichário, quase como se fosse um 'diário visual', num contexto autobiográfico e íntimo (o espaço onde minha pesquisa se situa).

Eu acredito que a gravura como um todo tem um grande potencial na arte contemporânea. É uma linguagem artística muitas vezes tida como formal mas sabemos que ela é mais que isso. Creio que as possibilidades vão muito além do que conhecemos e precisamos ter coragem de investigar materiais e processos para usufruirmos dela!”

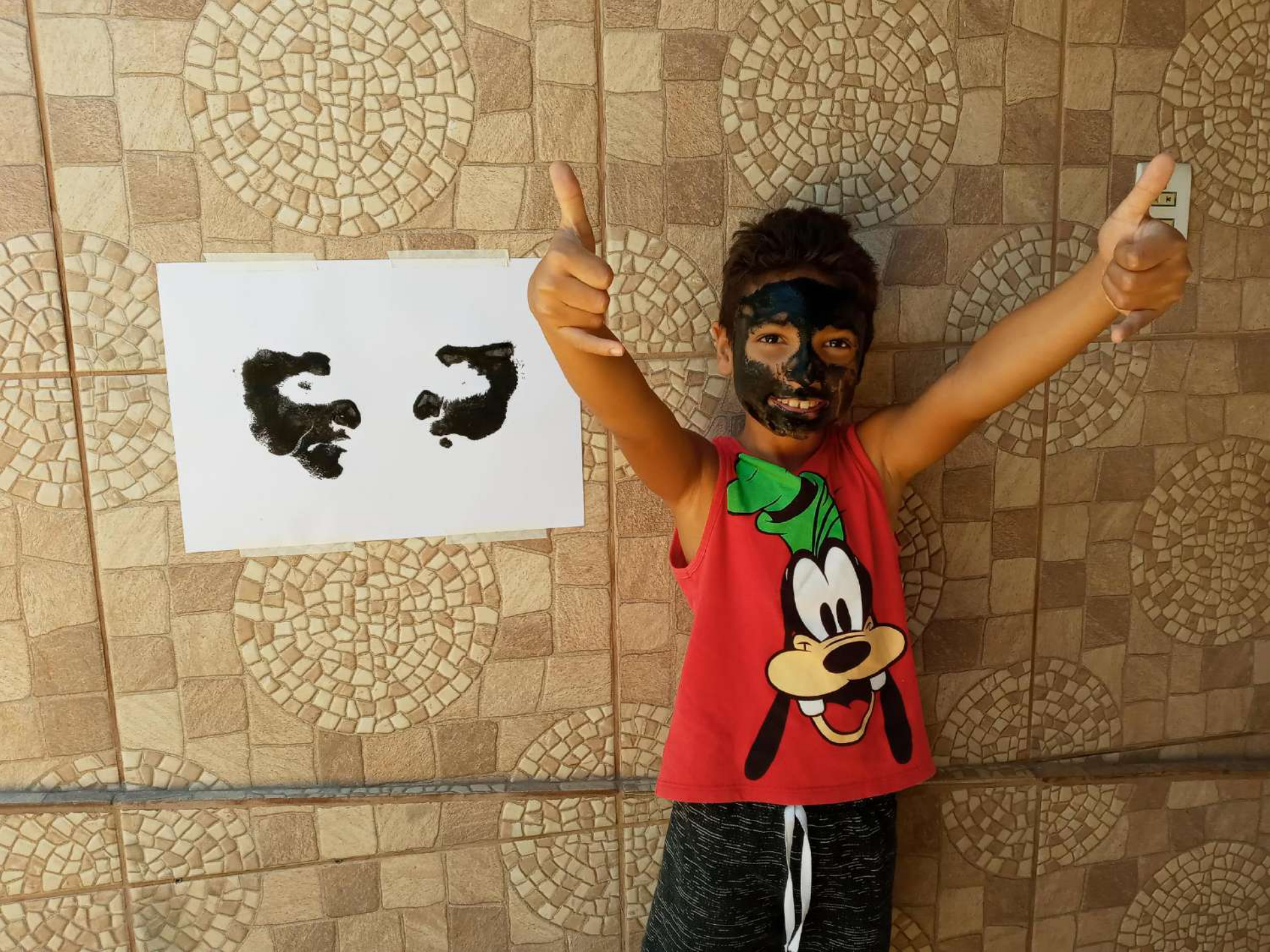
é ótimo se
sentir amada



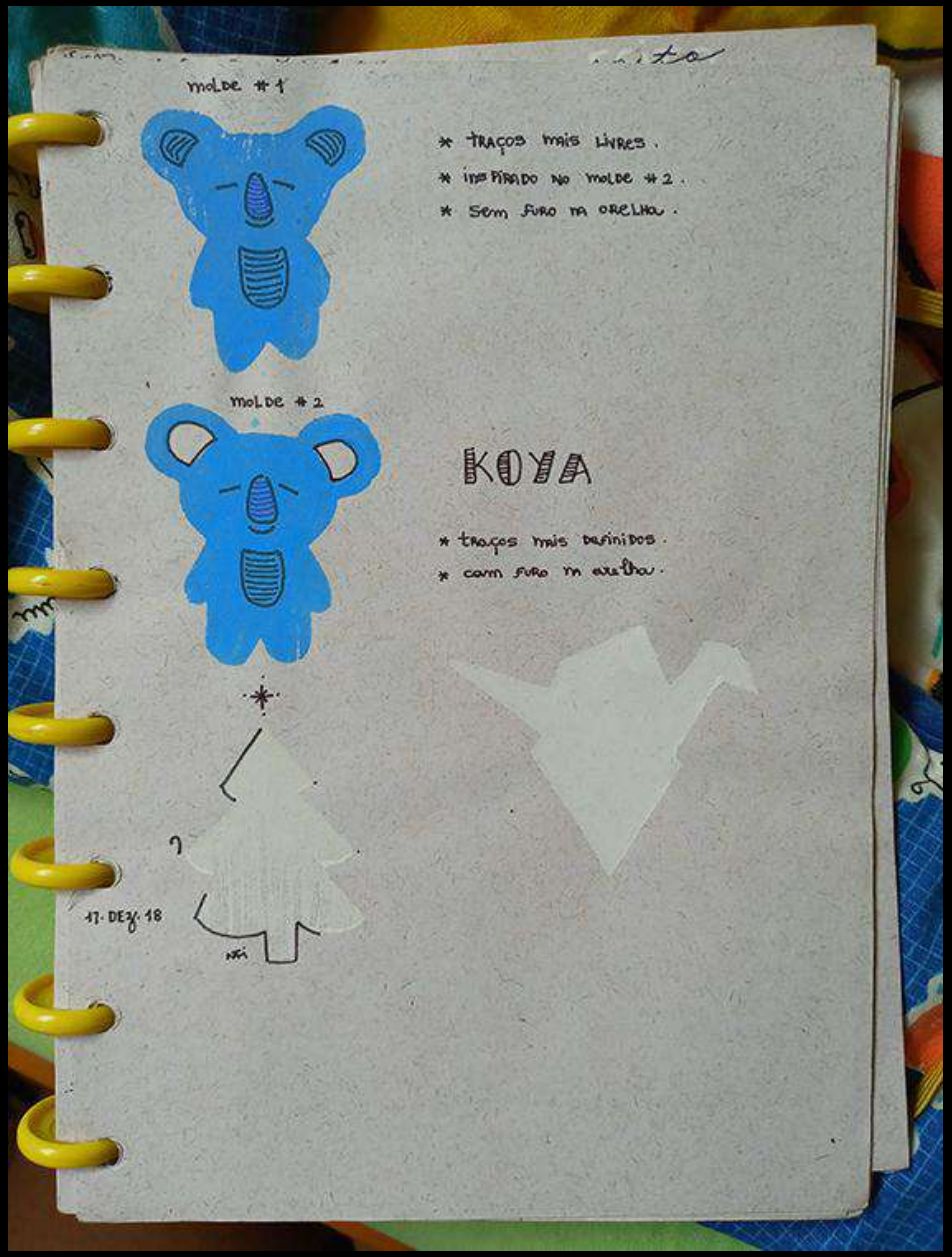


Nathália Batista Bastos

“Realizando leituras e estudos, gravura é o termo que designa, em geral, desenhos feitos em superfícies duras, como madeira, pedra e metal, com base em incisões, corrosões e talhos realizados com instrumentos e materiais especiais. Antes de qualquer informação acadêmica ou pesquisa no Google, definia gravura como um carimbo num suporte diferente do plástico. Não posso afirmar que minha percepção foi refinada e agora entendo a epistemologia dessa técnica, mas garanto que o meu encantamento ao observar tais obras artísticas redobrou.”



AVENIDA T-9 (62) 3096-
ASSIST. TEC. (62) 3096-
JD. AMERICA
GOIÁS

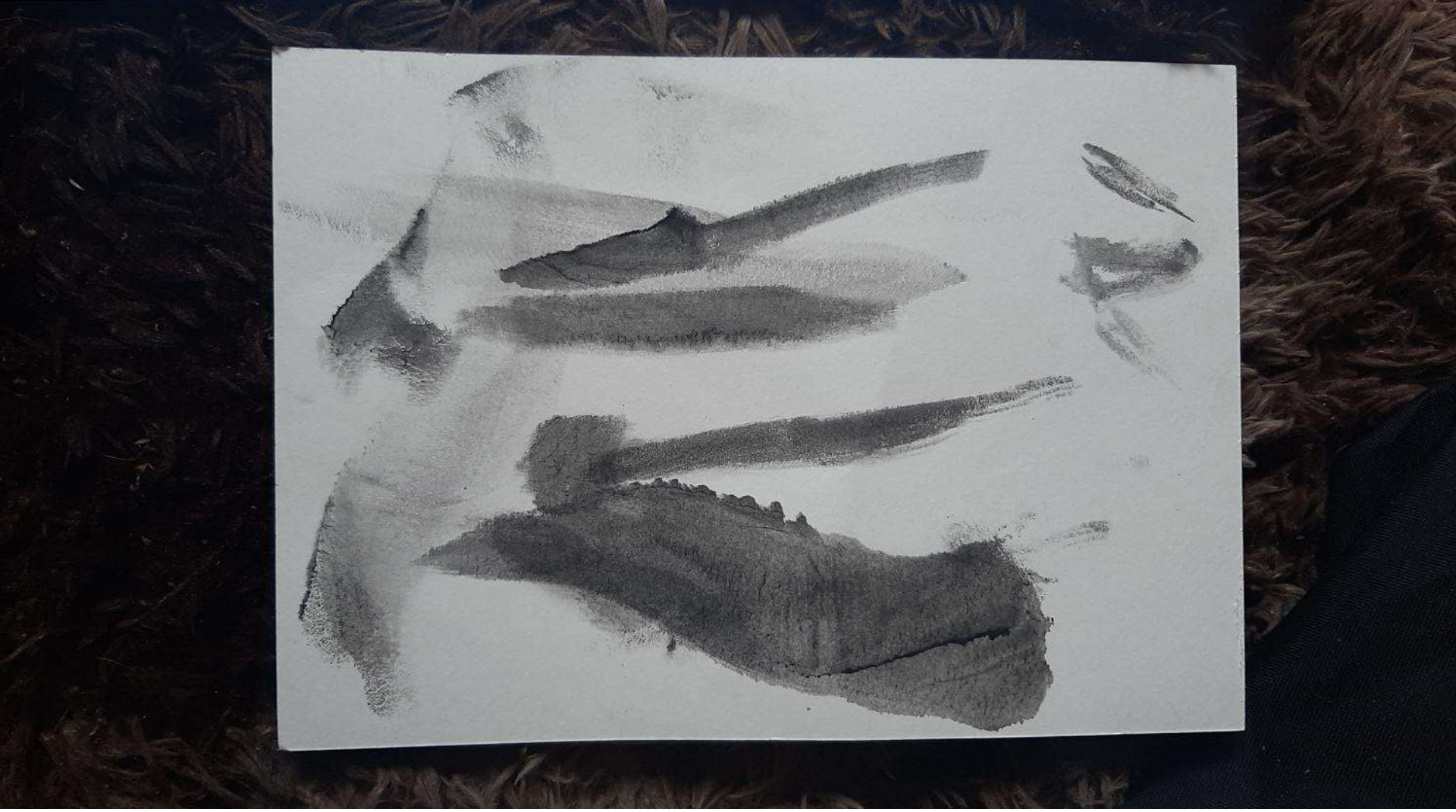

molde # 1
* traços mais livres.
* inspirado no molde # 2.
* sem furo na orelha.
molde # 2
KOYA
* traços mais definidos.
* com furo na orelha.
17. DEZ. 18

Nícolas Alves Montefusco

“Das linguagens artísticas a gravura é uma das, se não a mais, antiga dentre elas. Desde os primórdios da humanidade utilizamos da lógica de prensar nossas mãos em uma superfície para marcá-la. Um gesto tão simples mas com um legado tão pesado, aperfeiçoamos a arte da gravura com o passar do tempo, utilizando de diversos materiais e técnicas para imprimir desde uma imagem à uma mensagem escrita.

Desde a xilogravura, utilizando peças de madeira, à litogravura, que utiliza a superfície da pedra para a impressão, a gravura é uma linguagem artística extensa e há de se tornar mais expansível.”

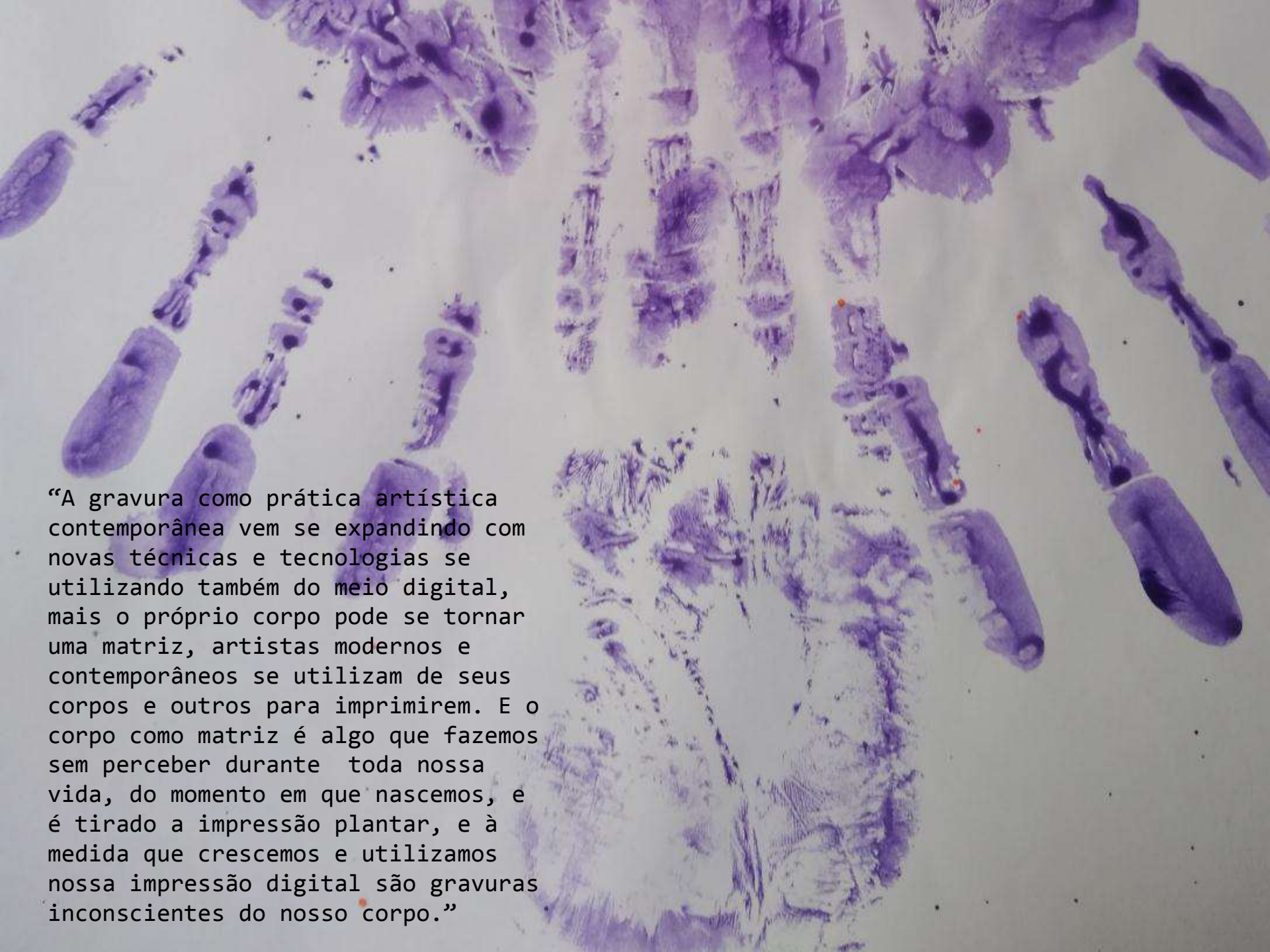
“A gravura adquire um nível totalmente novo de interação e expressividade como idioma artístico.”



“Tendo um conceito base relativamente simples de se entender, mas engenhoso em sua prática, a expressão dessa linguagem se relaciona de maneira íntima com a própria linguagem corporal humana. Pela afinidade primitiva que possuímos com a gravura, inúmeras são as possibilidades de se fazer e aceitar a gravura. As pegadas que deixamos na areia, uma marca de mão em folha de papel, suas digitais na carteira de identidade e até mesmo as manchas de suor em um dia quente.”

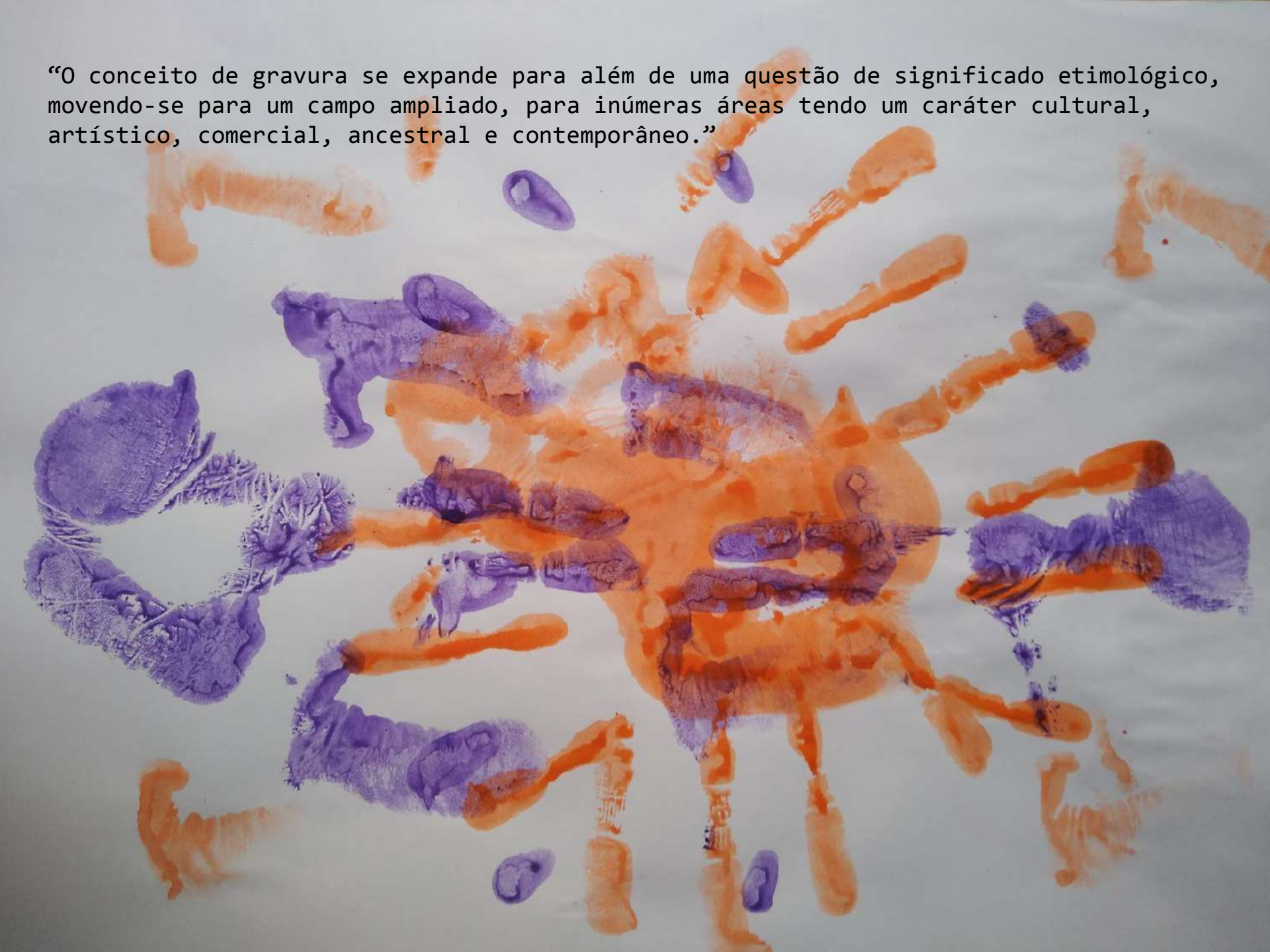
“O corpo humano é a matriz suprema que podemos explorar.”

Pedro Lucas Silva Menezes



“A gravura como prática artística contemporânea vem se expandindo com novas técnicas e tecnologias se utilizando também do meio digital, mais o próprio corpo pode se tornar uma matriz, artistas modernos e contemporâneos se utilizam de seus corpos e outros para imprimirem. E o corpo como matriz é algo que fazemos sem perceber durante toda nossa vida, do momento em que nascemos, e é tirado a impressão plantar, e à medida que crescemos e utilizamos nossa impressão digital são gravuras inconscientes do nosso corpo.”

“O conceito de gravura se expande para além de uma questão de significado etimológico, movendo-se para um campo ampliado, para inúmeras áreas tendo um caráter cultural, artístico, comercial, ancestral e contemporâneo.”



Sam Colodeto

“Admito que ao pensar em gravura, na impressão de algo em outro algo, o primeiro pensamento real que tenho são memorias de quando criança, mergulhando mãos, pés, brinquedos, e oque estivesse pela frente (ainda me sinto mal pela bolsa novinha da minha mãe, aiai) e atirando as contra a parede, ou pressionando de novo e de novo até que a forma que ali estava satisfizesse minha necessidade de infância - meu quarto já era rosa, quanto mais cor eu queria naquelas paredes?”

“Assumido o meu medo de experimentação, tenho esperanças de que, mesmo com os limites impostos em nós, a falta de um ateliê e materiais próprios, essa nova (para mim) forma de fazer arte me cative e se torne uma técnica amada e muito usada por mim.”

WORK

Thaysa Alarcão

“Eu tinha bastante preconceito com gravura. Achei que seria uma ferramenta muito técnica, e o excesso de técnica que eu imaginei se associou com a técnica em arquitetura que eu quis abandonar, logo vinha com uma trava imensa em gravura, mesmo depois das aulas presenciais. Então o ERE aconteceu, nos forçando a ver a gravura com outros olhos e foi um renascimento para mim; eu parei de pensar na técnica e passei a pensar na expressão.
Eu já pensava sobre o corpo há um tempo, mas nunca tinha pensado no corpo como matriz, até ter vontade de me registrar de uma maneira muito autêntica, só com imagens, mas de um jeito que a fotografia não agradava.
Então eu comecei a reparar nas marcas que meu corpo deixava espontaneamente e percebi que eu podia planejar também algumas marcas, e foi aí que aconteceu o insight da impressão/carimbo/gravura, quando eu entendi que meu corpo era matriz, e de infinitas possibilidades, eu só precisava quebrar a barreira do medo do erro, da cobrança sobre um resultado antes mesmo dele ser produzido.”

“Deu certo quando eu entendi que as minhas marcas eram únicas, e que não existiam questões estéticas a serem tratadas naquele momento, mas questões de singularidade, de autenticidade, e de comunicação comigo mesma, com meu corpo, numa linguagem nunca antes aprendida. Foi um processo muito intuitivo, muito inspirador e eu fiquei apaixonada pelos trabalhos práticos que eu consegui fazer, além de totalmente surpresa porque quanto mais eu me desligava da preocupação com a estética, mais eu acertava nos resultados.
Eu saí de um lugar onde sequer via o corpo como matriz para uma lugar de infinitas possibilidades. Hoje estou vendo gravura como uma possibilidade de comunicação muito íntima entre mim e meu corpo, que diz muito sem usar de nenhuma palavra.”

“Para mim a ideia precisa de espaço para nascer livre, e depois se ajustar a uma ou outra técnica, se for o caso, a depender do que eu quero demonstrar naquela produção; do contrário, não é possível criar/expressar linguagem visual nenhuma. “A técnica é ferramenta; a comunicação parte é da ideia”, esse sempre foi meu conceito guia.”

IMPRESSÕES DO COTIDIANO

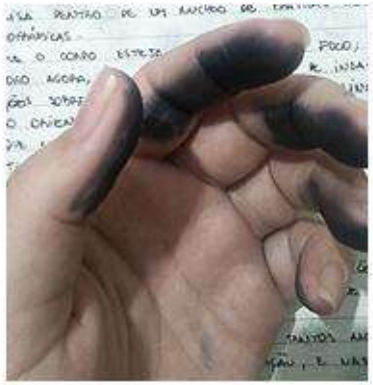
“Eu passei a ver a gravura com olhos de arte contemporânea, conforme escreveu Maria do Carmo Freitas Veneroso (2012), com a quebra dos limites rígidos entre as linguagens.”

02/09/20

★ CORPO
★ REFLEXÃO
★ INTROSPECÇÃO

NÃO É POR ACASO...

- QUE EU TENHA SIDO FORÇADA A FICAR RECLUSA EM CASA JUSTAMENTE QUANDO ESCOLHI A PESQUISA PAUTADO EM UM NÚCLEO DE PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS.
- QUE O CORPO ESTEJA AGORA TÃO EM FOCO; LOGO AGORA, QUE A PESQUISA TRATE DE INDAGAÇÕES SOBRE O CORPO PORQUE ESSA É A LINHA DO ORIENTADOR.
- QUE EU TENHA SIDO CONVIDADA A OUVIR UMA ARTISTA MARAVILHOSA DIZER QUE 'NADA É POR ACASO'.
- QUE ESSA MESMA ARTISTA TENHA FALADO SOBRE FAZER AS PAZES COM A PRÓPRIA HISTÓRIA; SOBRE 'FAZER, FAZER, FAZER' NESSE MOMENTO EM QUE, SIMPLESMENTE, NÃO DÁ MAIS PRA FICAR PARADO.
- QUE A PROPOSTA DE COLOCAR ESSAS REFLEXÕES NO PAPEL TENHA SURGIDO NO MOMENTO QUE ELAS MAIS BORBULHAVAM AQUI DENTRO.
  OUVIR DE DIFERENTES CANAIS, HÁ TANTOS ANOS,
- QUE TUDO É ENERGIA, É VIBRAÇÃO, E NADA É POR ACASO.



04/09/20

★ IMPRESSÃO DIGITAL
★ CARIMBO DE TECIDINHO
★ GRAVURA

NÃO É POR ACASO...

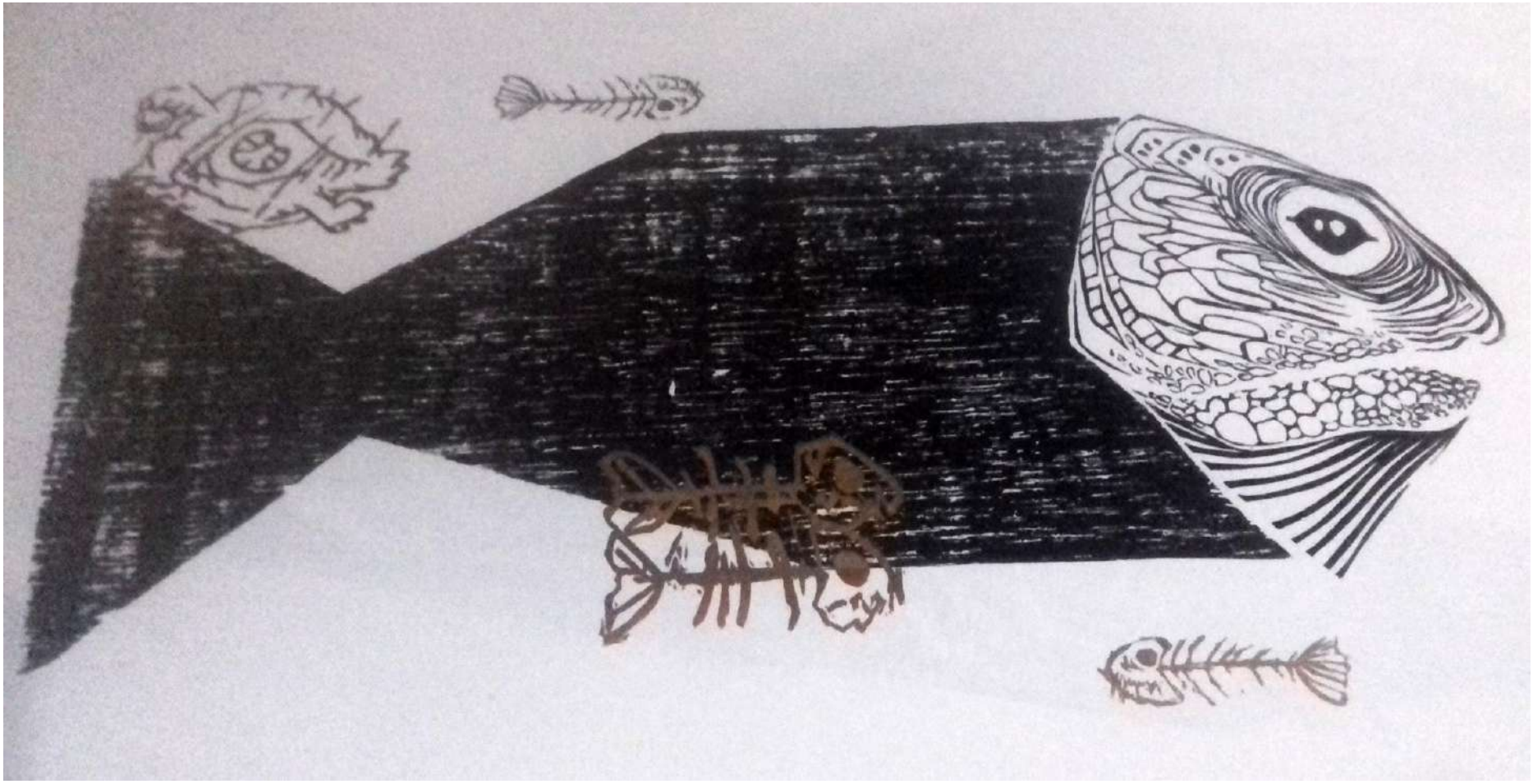
- QUE A PROFESSORA DE GRAVURA ESTEJA TRABALHANDO O CORPO COMO MATRIZ.

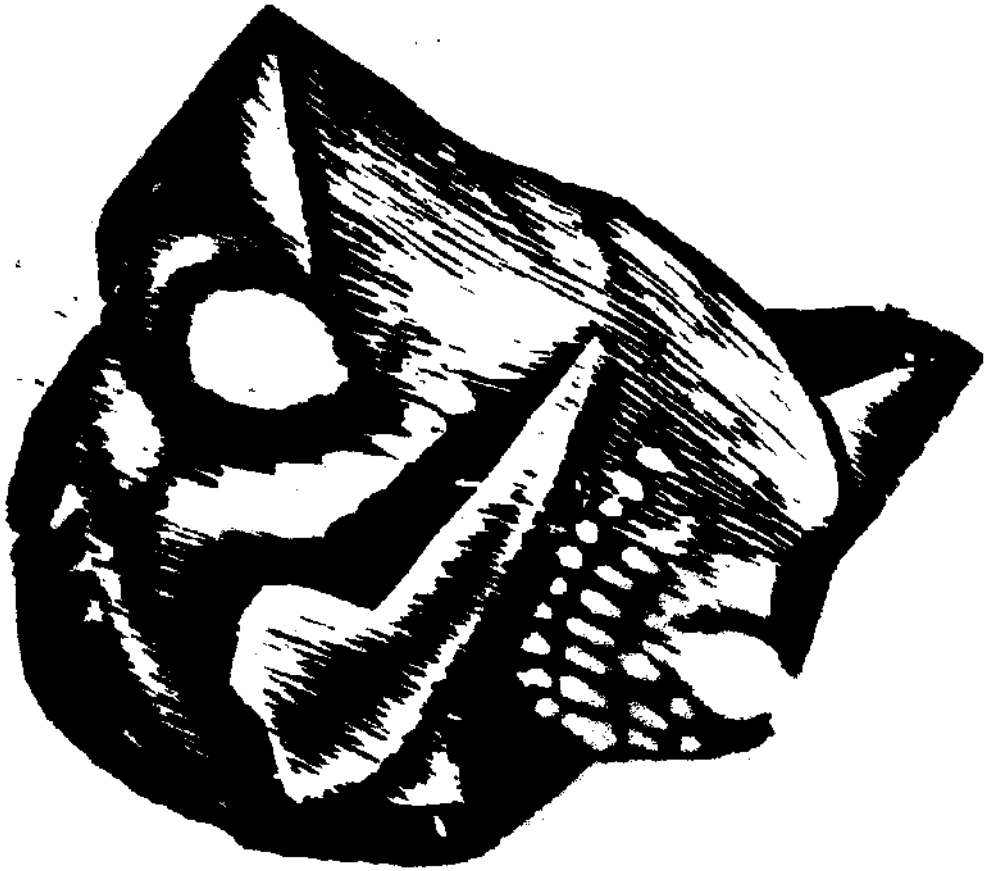
Wesley Gonçalves Cordeiro Rodrigues dos Santos

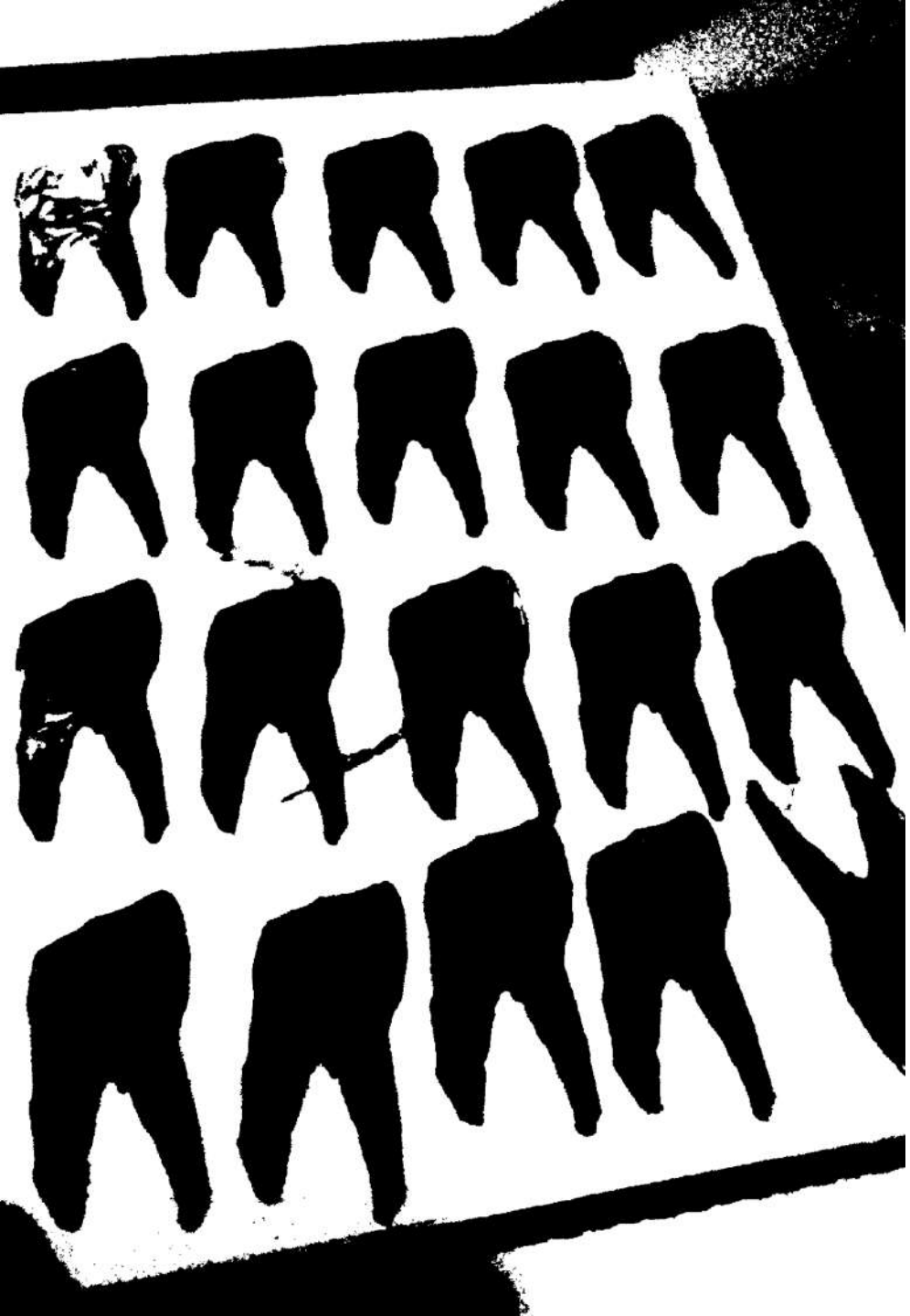
“Eu nasci e fui criado no Rio de Janeiro e tive uma infância de viver em praia, e quando você pisava na areia, você deixava ali uma pegada. A forma do seu pé era formada na superfície da areia e parando pra olhar com os olhos que eu tenho agora, isso acaba sendo uma forma de **impressão.** Por mais que nesse caso a pegada seja algo temporário, ainda sim eu enxergo isso como um meio de se fazer a gravura. Os meios de se fazer uma gravura em relevo são vastos, indo de uma borracha para um pedaço de madeira, chapa de metal, até mesmo com uma caixa de leite dá pra se realizar o processo de gravura e você consegue reproduzir diversas ideias e explorar o material de um jeito especial. A gravura é um registro pessoal, de uma ideia ou visão que a pessoa tem, é uma forma de deixar sua essência, sua presença no mundo.”

Augusto César Moreira Santos

MONITOR

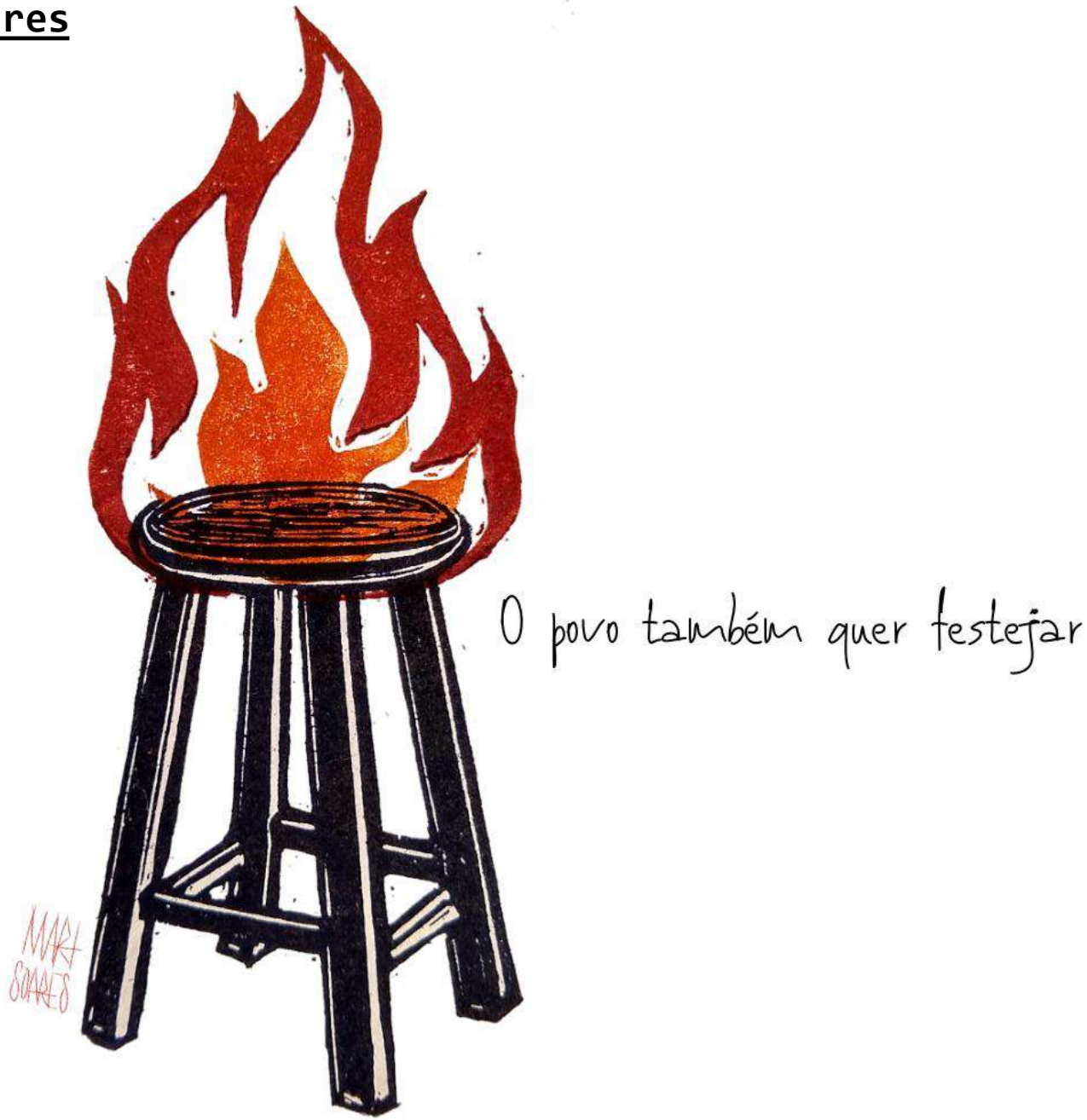






Maria Angélica Soares

MONITORA



Je voudrais tous partir

Referências:

AFONSO, Manoela. **Ateliê de gravura.** In.: BARROS, Leda Maria (Org.). Trama 4. Goiânia: FAV/UFG/FUNAPE, 2011.

ALVAREZ, Fernando Gómez. **GRAVURA: uma introdução**, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Coleções Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1978.

COSTELLA, Antônio F. **Introdução à gravura e à sua históri**a, Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2006.

COSTELLA, Antônio F. **Xilogravura, manual prático**, Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 1987.

COSTELLA, Antônio F. **Breve História Ilustrada da Xilogravura,** Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ser crânio: lugar, contato, pensamento, escultura**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009

DÓRIA, Renato Palumbo. **A xilogravura em Maria Bonomi e Renina Katz**.

FAJARDO, Elias. **Oficinas: Gravura**. Rio de Janeiro: SENAC/DN, 1999.

GRILO, Rubem. **Sobre o político**. In. Gravura Brasileira/Textos de Leon Kossovitch e Mayra Laudanna, Ricardo Resende; apresentação de Ricardo Ribenboin. São Paulo: Cosac & Naif/ Itaú Cultural, 2000.

Mayra Laudanna, Ricardo Resende; apresentação de Ricardo Ribenboin. São Paulo: Cosac & Naif/ Itaú Cultural, 2000.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MENDONÇA, Adriana Aparecida**. Impressões: Experimentação com gravura em livros de artista e fanzines**. 2018. 340f. Programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual na UFG, Goiânia, 2018.

MORO, Juan Martínez. **Um ensaio sobre grabado (a princípios del siglo XXI). Creática Ediciones, Santander, 1998.**

MARTINS, Carlos. **Gravura em Campo Expandido**. Catálogo da exposição realizada na Pinacoteca do Estado, São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

RESENDE, Ricardo. **Desdobramentos da Gravura Contemporânea**. In. Gravura Brasileira. Textos de Leon Kossovitch e Mayra Laudanna, Ricardo Resende; apresentação de Ricardo Ribenboin. São Paulo: Cosac & Naif/ Itaú Cultural, 2000.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **O campo ampliado da gravura: Suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea**. Pós: Revista Porto Arte: . Vol. 19, n.32 – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2012.

O que é uma aula segundo Deleuze:

Link do vídeo: https://naescoladafilosofia.wordpress.com/2016/05/28/o-que-e-uma-aula/

RELEVOS inaugura o acervo da Fanzinoteca Virtual, sendo o primeiro número de material elaborado a partir de aulas remotas de gravura. Desenvolvido por graduandos, pela professora de Gravura e monitores do Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

Fanzinoteca Virtual - conteúdo composto por coleções de fanzines e E-books voltados para os processos de impressão, tem como proposta ser fonte complementar de estudos, com conteúdos atualizados e acessíveis a fim de instigar qualquer pessoa que acesse a experimentar as técnicas manuais neles contidas.

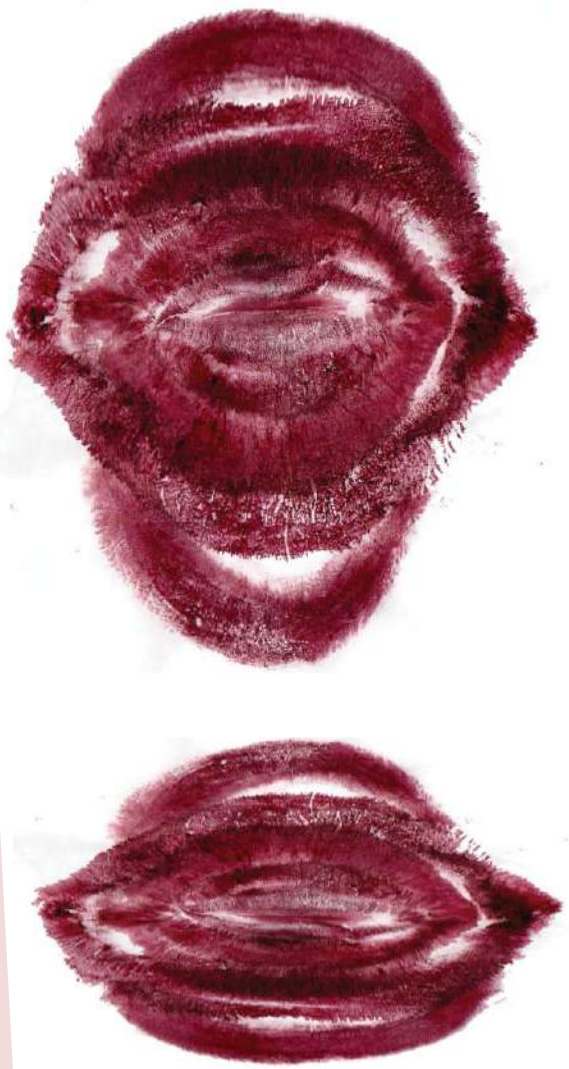
O projeto tem como objetivo desenvolver estratégias de discussões entre pesquisadores em gravura, docentes, discentes e instituições parceiras com o intuito de estabelecer diálogos e criar métodos e conteúdos que irão alimentar a Fanzinoteca Virtual, e que também articulem novas discussões para imprimir, catalogar e/ou registrar procedimentos da gravura tradicional e contemporânea em publicações independentes com abordagens diretas em síntese visual e textos curtos, ou seja, em fanzines, a serem disponibilizados virtualmente para o acesso de qualquer pessoa, fortalecendo uma rede de interesse no ensino e no exercício da gravura, seja tradicional, contemporânea ou experimental.

Consideramos a necessidade de tornar acessível e didático os conhecimentos acerca da técnica e de seus contextos históricos e artísticos para promover maior interesse entre discentes, como também criar intercâmbios possíveis com outras universidades que possuam ateliês voltados para o ensino e a prática da gravura, além de buscar maior aproximação com a comunidade em geral.

O que é fanzine?

Publicações amadoras produzidas por fãs e dirigida a fãs de expressões artísticas, os fanzines surgiram nos Estados Unidos na década de 1930 com os autores de ficção científica. Esse tipo de revista artesanal ou semiprofissional representava a única possibilidade para os jovens autores veicularem seus trabalhos, que se tratavam de um gênero ainda considerado como literatura. Foi com esse caráter de resistência e inovação que os fanzines se firmaram e se difundiram pelo mundo. De pequenas revistas baratas que serviram de suporte a experimentações artísticas, analisando os diversos aspectos das artes de forma crítica e independente. (MAGALHÃES, 2007, p.102). Diante da necessidade do “faça você mesmo, mude o mundo”, na atualidade o fanzine se abre para infinitas possibilidades, servindo, também, como suporte para experimentações artísticas e para possibilidades de publicações virtuais, ou seja, para os *E-zines* como este que se apresenta aqui.

Profa. Dra. Adriana Mendonça -Coordenadora do Ateliê de Gravura - FAV/UFG - 2020



SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Arial, Consolas e Impact
Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia, Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
www.cegraf.ufg.br

Adriana Mendonça: estudos para "*Verbo-carne*" 2020

FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Projeto de pesquisa:
FANZINOTECA VIRTUAL
Coleção Manual-zine:
narrativas de processos em gravura

Manual Zine